



DL-01

Ses. Esp. 09/03/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial proposta pelo nobre deputado Yulo Oiticica com o objetivo de debater o tema da Campanha da Fraternidade 2012 – Fraternidade e a Saúde Pública, com o lema: Que a saúde se difunda sobre a terra.

Convido para compor a Mesa o Sr. Deputado Yulo Oiticica, proponente desta sessão (Palmas); o Exmº Sr. Secretário da Saúde do Estado, Jorge Solla, representante do governador do Estado, Jaques Wagner (Palmas); o reverendíssimo bispo auxiliar da Arquidiocese de São Salvador, D. Gilson Andrade da Silva, representante do arcebispo primaz, D. Murilo (Palmas); meu querido amigo, o Exmº Sr. Deputado Federal Nelson Pellegrino (Palmas); o reverendíssimo Sr. Padre Renato Minho, representante do comandante geral da Polícia Militar, coronel Alfredo Castro (Palmas); a Srª Diretora da Fundação da Criança e do Adolescente - Fundac, Ariselma Pereira (Palmas); o Sr. Coordenador da Pastoral da Saúde, reverendo padre André (Palmas); a Srª Professora Adjunta do Departamento de Saúde do Colegiado de Medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana, Dalva de Andrade Monteiro (Palmas); a Srª Diretora do Núcleo Organização Popular, Géssica Sinai (Palmas); o Sr. Coordenador do Conselho Estadual de Saúde, José Silvino Gonçalves dos Santos (Palmas); e a representante dos usuários do Sistema Único de Saúde, senhora Marilene Santana de Jesus. (Palmas)

Ouviremos o hino da Campanha da Fraternidade 2012, com o cantor Romildo da Cruz Bonfim.

(Execução do Hino.)



2762-II

Ses. Esp. 09/03/12

Or. Yulo Oiticica

Campanha da Fraternidade 2012 – Fraternidade e Saúde Pública - “Que a saúde se difunda sobre a terra.”

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o proponente desta sessão, deputado Yulo Oiticica.

O Sr. YULO OITICICA:- Bom-dia a todos e a todas, sejam todos bem-vindos a nossa sessão especial que tratará desse tema tão importante que interessa a todos nós, baianos, brasileiros, que é esse direito humano, esse direito social, que é o acesso à saúde pública de qualidade e que possibilite, verdadeiramente, esse desejo revolucionário, cristão e humano de todos nós, que é universalizar esse tão importante direito.

Quero saudar a Mesa, na ausência, mas agradecendo ao presidente da Casa, o deputado Marcelo Nilo, que abriu a nossa sessão especial, infelizmente o presidente está perdoado, porque tem que presidir a Casa, isso acontece com muita intensidade, não é fácil ficar na sessão inteira. Portanto, quero saudá-lo.

Quero, com muito entusiasmo e alegria, saudar o presidente, agora, desta sessão, deputado estadual brilhante nesta Casa, que desempenhou uma tarefa extremamente difícil, Dom Gilson, que foi a luta dos direitos humanos aqui, quando presidiu, inclusive, a Comissão e que, nesse momento, é deputado federal e também toca, entre tantas outras lutas, essa luta no Congresso Nacional. Portanto, saudar aqui, com entusiasmo e alegria, o nosso companheiro, deputado federal Nelson Pelegrino. (Palmas)

Saudar o nosso secretário Jorge Solla e dizer, Jorge, que é muito comum, e nos alegra muito como baianos, ouvir, nos debates nacionais sobre saúde, que você é o melhor secretário de Saúde de Estado. (Palmas). Conhecemos a sua longa trajetória, desde quando assumiu a Saúde, na terceira maior cidade desse Estado, e que foi referência a partir de Vitória da Conquista, e em seguida, exatamente pelo brilhante desempenho, a ida ao Ministério, onde assumiu lá, como sub-ministro, o Ministério da Saúde, e em seguida vindo ajudar o governador Jaques Wagner a construir a Bahia de todos nós, à frente desta pasta.



Portanto, a sua presença aqui ilustra muito bem o que eu estou dizendo, a importância do debate teórico ao tema e, sobretudo, a competência na execução desse desafio gigantesco que, se tanto se fez, tanto ainda se há, sem dúvida, a fazer.

Quero saudar também a representante dos usuários aqui, a nossa companheira Marilene Santana de Jesus, que é também uma entusiasta da luta do movimento social, e que em que pese assumir essa tarefa de ser uma militante aguerrida na busca desse direito, mantém um sorriso sempre presente nos lábios, que é uma característica forte das mulheres de luta.

Quero saudar, com muita alegria, o nosso bispo auxiliar da Arquidiocese de São Salvador, que aqui representa o nosso arcebispo, Dom Murilo, e que muito nos alegra, Dom Gilson, a sua presença no meio de nós. (Palmas). Eu acho que essa é uma Arquidiocese de muita sorte, vocês vêm que Dom Murilo diz que esse povo gosta de aplaudir. Mas, é inevitável, já passaram muitos homens brilhantes à frente da nossa Arquidiocese, sem dúvida nenhuma, e como primaz do Brasil não podia ser diferente, e nós sempre pedimos a Deus que trouxesse homens corajosos e proféticos para assumir a nossa Arquidiocese.

O povo baiano, o senhor já viu, que além de aplaudir muito é um povo de muita fé, e eu confesso que nós, mesmo pedindo sempre homens que assumam essa dimensão profética com tanto entusiasmo, com tanto vigor e com tanta competência, hoje ter o senhor, Dom Gilson, ter Dom Gregório e ter Dom Murilo, Deus foi generoso demais conosco. Portanto, muito obrigado, em nome dos três, pela presença na nossa Arquidiocese.

Quero saudar o representante, aqui, do Comando Geral da Polícia Militar, portanto representando o nosso Coronel Castro; representar o nosso querido Padre Renato Minho, também nosso companheiro importante na luta pelos direitos humanos (palmas); saudar a nossa diretora da Fundação da Criança e do Adolescente, minha esposa e companheira da luta dos direitos humanos, Aricelma Pereira (palmas); a companheira Selma que recebeu, inclusive, presente de Natal, que foi a passagem da cruz peregrina, levada por Dom Gilson e toda comissão da nossa arquidiocese e visitando aqueles meninos e meninas e, por ironia do destino ou pela falta de oportunidade, cometeram pequenos delitos na sua maioria absoluta e são ignorados pelo sociedade.



Portanto, Dom Gilson, que bom que a nossa Igreja tem olhos atentos para os simples, para os últimos, para os excluídos. Quero saudar este brilhante guerreiro, de tantas décadas na luta da nossa arquidiocese, na luta de um modo bem especial da saúde. É verdade que já tenho bastante cabelos brancos, mas antes de eu nascer, ele já estava aqui tocando a luta dos direitos humanos, a luta da saúde em nossa arquidiocese também com o vigor profético extraordinário.

Portanto, é com muito entusiasmo que saúdo e aqui presente também será homenageado, nosso querido Padre André (palmas). Trataremos posteriormente desses assuntos nada polêmicos, como nada polêmico é quem acabou de levantar esse assunto. Vamos lembrar com muito entusiasmo.

Quero saudar aqui a professora adjunta do Departamento de Saúde do Colegiado de Medicina da Universidade de Feira de Santana, também importante teórica e militante da luta dos direitos humanos, teórica da saúde e militante na prática do exercício dessa tão importante tarefa, nossa companheira Dalva de Andrade Monteiro, muito obrigado pela presença. (Palmas)

Saudar a nossa coordenadora do Núcleo de Organização Popular da Paróquia de Pau da Lima, de atuação em toda nossa cidade, que é a companheira Jéssica Sinai (palmas); saudar também no nosso coordenador do Conselho Estadual de Saúde, representando o Conselho Estadual de Saúde, portanto, militante dessa luta histórica, nosso companheiro José Silvino Gonçalves dos Santos, conhecido como Silvino. (Palmas)

É inevitável, Dom Gilson, começar meu pronunciamento falando do dia tão importante que comemoramos, ontem. E esta plateia por si só diz da importância desse dia na disputa de gênero e da importância das mulheres na democracia do mundo, do nosso país, do nosso Estado, da nossa cidade. Quero saudar todas as mulheres aqui presentes. Certamente vocês são mulheres que continuam a luta de tantas outras que, antes de vocês, começaram tocando a luta do movimento social em defesa da vida e aí lembro da nossa querida beata Irmã Dulce. (Palmas)

Esta que no dia 13 próximo, estará fazendo 20 anos que nos deixou; 20 anos de falecimento. E olha, Dom Gilson, como é a vida, como foi a vida e como é para nós a



presença dos santos. Vinte anos que nos deixou e cada dia mais presente na nossa vida, na labuta do dia a dia, de quem defende de um modo bem especial a saúde, mas quem defende a missão dos leigos, a tarefa tão importante dos nossos missionários, dos nossos sacerdotes na defesa da vida.

Mas, tantas outras. Joana Angélica, Luiza Mahin que ainda vinda da escravidão africana à frente das revoltas, brigava para que a gente tivesse o fim da escravatura em nosso país, em nosso estado. Tantas mulheres que foram e que são referência nesta luta. É inevitável não lembrar dessas que estão aqui presentes também. A irmã Rita Soukou, comboniana, que atravessou o Atlântico (palmas), do outro lado do mundo, portanto, para estar aqui junto. Essa é uma luta tão importante, padre Severino, dos combonianos, de fazer com que os nossos jovens de bairros populares tenham acesso à educação profissional, acesso a tantas políticas públicas. Gostaria de saudar a companheira Selma mais uma vez. É “rasgação de seda”, não é? Pela primeira vez uma mulher assume a Fundação da Criança e do Adolescente em nosso Estado. Essa é uma demonstração, Carol, da importância das mulheres não só pela sensibilidade, mas pela competência na gestão pública, competência na execução de políticas tão importantes como essa.

Em tão pouco tempo, a Fundac, que é uma referência hoje em nível nacional, possibilitou, Dom Gilson, e somos o único estado do País, a Conferência da Juventude com aqueles jovens que são invisíveis à sociedade. Quinze delegados desses jovens estavam na Conferência Estadual. Dois delegados, um menino e uma menina, na Conferência Nacional. Portanto, essa forma de enfrentar que as mulheres têm tido, que é verdadeiramente quebra de paradigmas, tem acontecido em vários outros lugares. É exatamente por isso que também lembro aqui que, pela primeira vez na história deste País, uma mulher, que ontem venceu a ditadura, venceu também a luta pela saúde, venceu um câncer, que venceu o machismo, pragmatismo da supremacia do macho neste País, assume a presidência da República. Portanto, aqui a minha admiração e reverência à nossa querida brasileira e militante em defesa da vida, Dilma Rousseff (palmas), que quebra esse paradigma.

2012. Pela primeira vez, Dom Gilson, em 1981, a CNBB, que é esse instrumento tão importante da Igreja na América Latina, no nosso País, trouxe um grito da necessidade...



Neste momento, entra neste Plenário uma brilhante mulher, a nossa companheira Hildete (palmas), que é essa missionária herdeira de tantas outras mulheres que assumiram a defesa da vida nesse importante instrumento da Pastoral da Juventude. Portanto, herdeira de Zilda Arns, a nossa companheira Hildete, na Pastoral da Criança, faz esse trabalho tão importante em nossa arquidiocese. Em nome dela, quero saudar todas as nossas líderes da Pastoral da Criança que atuam não só em nosso Estado, mas em nosso País.

Portanto, Dom Gilson, foi lá em 1981 que a Igreja, através dos nossos bispos, na sua ação profética, trouxe esse apelo. A Campanha da Fraternidade tem sido, sem dúvida nenhuma, um instrumento importantíssimo de defesa dos direitos sociais, do direito da defesa da vida. Lá, em 1981, a CNBB já brigava: “É preciso universalizar o direito à saúde! É preciso garantir o acesso de todos e todas a esse bem tão importante.” Agora, mais uma vez, em 2012, a CNBB convoca toda a sociedade brasileira, todas as igrejas cristãs, todas as outras igrejas, todos aqueles que vivem o pulsar da construção dessa tão nova democracia. Vale lembrar que estamos, pela primeira vez, depois de 30 anos, num sistema democrático. Isso significa dizer que esta não é uma democracia consolidada, mas uma democracia em curso. Esse apelo da CNBB, que nos convoca, remete-nos agora a discutir, Dom Gilson, é verdade, esse tema com muito mais entusiasmo nesse momento da Quaresma, deve ser um momento forte para nós, cristãos, católicos. É o momento da reflexão comunitária, da reflexão individual, da possibilidade real de fazer a nossa crítica, mas também a nossa autocrítica, sobretudo na Quaresma, preparando-nos para a mudança, preparando-nos para a Páscoa. Portanto, é verdade que, com mais entusiasmo, refletimos a Campanha da Fraternidade agora na Quaresma. Mas não só.

Não tenho dúvida, Dom Gilson, que essa convocação que vocês nos fazem é para que possamos fazê-la todo ano, para que, no final de 2012, possamos fazer a nossa análise, a nossa reflexão e lincar isso com a Campanha da Fraternidade que teremos em 2013, a continuidade da luta em defesa da saúde. Este apelo, que a CNBB nos faz, nos remete a um debate tão importante como este.

O nosso companheiro, deputado federal Nelson Pellegrino, assim como o nosso companheiro, que quero convidar para compor a Mesa, o deputado federal Amauri Teixeira



trabalham no mesmo sentido. (Palmas) Estes dois deputados federais convocam, Dom Gilson, a CNBB e todos nós, em Brasília, na Câmara Federal, a fazer este debate. Portanto, parabéns Nelson, por levar também este debate a Brasília a partir da Câmara dos Deputados como você tem feito todos os anos e como fazemos aqui na Assembleia Legislativa.

Este debate é preciso ser feito, porque esta Casa, Dom Gilson, tem um papel determinante. Claro, Carlos Prazeres, sempre, profético como tem de ser, faz o questionamento da ausência. Ele está correto neste debate tendo em vista o fato de que só os que têm um pezinho verde passaram por aqui ou estão presentes na Casa.

Mais do que isso, mais do que a presença no debate, esta Casa tem de contribuir, efetivamente, para a garantia da saúde e tem de se debruçar, no dia a dia, para que possamos, enquanto Poder Legislativo estadual, não só fazer um debate como fizemos esta semana na Comissão de Saúde sobre a situação do Aristides Maltez, um hospital tão importante para nós. Mas, mais do que isso, mais do que fazer um debate na perspectiva de construir um diagnóstico ou de conhecer o diagnóstico, nós precisamos efetivar mudanças reais para que possamos transformar a situação da saúde em nosso estado.

Portanto a fraternidade e a saúde pública são os lemas. Fraternidade e saúde têm o lema de que a saúde se difunda sobre a terra. Isso nos remete, preliminarmente, Dom Gilson, às palavras do nosso querido santo padre Bento XVI. Ele diz que “mesmo em uma sociedade em que as relações de serviço se pautem pela justiça, faz-se necessário caridade, pois não há qualquer ordenamento estadual justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor.”

Portanto este apelo que nos faz o santo padre diz que precisamos, sim, ter a capacidade, padre Jorge, de vir aqui a esta sessão especial, portando cartazes, fazer críticas, fazer debates, como fizemos, há uns 15 dias, em um seminário que a arquidiocese convocou a partir da ação social arquidiocesana para que nós pudéssemos, lá, como muitos que estão aqui, refletir durante o dia inteiro a situação da saúde em nosso estado e a situação da saúde em nosso município.

Aqui tem uma companheira que faz parte deste debate não só na cidade do Salvador, mas em todo o estado: a nossa Aladilce. É bom que você esteja aqui presente no dia a dia desta luta. Quero agradecer a sua presença. Isso seria redundante, porque você está



em todos os debates, mesmo quando não é convidada (palmas), pois você é uma daquelas que, quando não convidada para o debate, sabe meter o pé na porta e entrar para fazê-lo com o vigor que as mulheres têm tido em defesa da vida. Mas é exatamente isso, ou seja, ter a capacidade de vir aqui portando cartazes.

Esta Casa é democrática, Dom Gilson. Esta Casa tem as galerias que, hoje, recebem o nome de Galerias Paulo Jackson. Mas, no passado, esta Casa já impediu que muitas pessoas entrassem nas galerias e as mesmas já foram, várias vezes, ocupadas por policiais à paisana para que pessoas não pudessem adentrar a esta Casa, dita Casa do Povo, padre Severino. E não foi fácil meter o pé na porta e possibilitar que a Assembleia Legislativa, hoje, possa ser também uma casa de protestos e uma casa de reivindicações. Cosme, você, coordenador estadual da Pastoral da Criança, sabe que, tantas vezes, a dificuldade é real em nosso dia a dia.

Esta semana tive a oportunidade de tomar um café com os coordenadores da Pastoral da Criança em sua sede. Lá, discutíamos a importância de o estado conveniar com esta Pastoral tão importante, pois isso é coisa que já acontece em outros estados.

Portanto um governo democrático e popular, Amauri – como nós sempre colocamos em nosso debate –, não é um governo onde nós nos acomodemos e possamos deitar em berço esplêndido e esperar que as coisas aconteçam. Não.

Um governo democrático e popular nos convoca à responsabilidade de fazer este debate e nos convoca à responsabilidade de fazer um questionamento e dizer o que achamos da saúde, inclusive, portando cartazes com os dizeres: “A saúde vai mal. Devolva os 5 bilhões, Dilma Rousseff. Queremos que o SUS se valorize. Hospital do Subúrbio é bom, mas precisa de outros.” Que bom.

Imagine, Solla, você tem 5 hospitais em 5 anos. E fará mais, não tenho dúvida, já têm alguns em curso. A sociedade vem aqui pedir mais, e tenho certeza de que você concorda com isso. Se o governo anda avançando, precisamos avançar mais.

Antes do governador Jaques Wagner, tínhamos SAMU, Amauri - e você sabe muito bem disto porque foi subsecretário da Saúde durante 4 anos -, em apenas 40 das 417



idades da Bahia. Hoje temos, Solla, em quase 300. Não era por falta de vontade do governo federal, mas sim de quem comandava a política em nosso Estado.

Portanto, é isso que precisamos compreender avançando cada vez mais na garantia desse direito. A concepção do debate e da participação social deve ser central para nós, porque não estamos aqui para concordar um com o outro, e sim para cumprir nossos papéis.

Fico muito a cavaleiro, D. Gilson, porque estou no 4º mandato, venho da luta dos movimentos sociais, a minha matriz é exatamente a Pastoral da Juventude e foi nela que eu compreendi o que Marx chamava de consciência de classe, porque ele teorizava consciência de classe e Jesus, nas Santas Escrituras, nos diz que na disputa de consciência de classe temos de combater o tirano tirando-o do poder, não matando-o, mas o perdendo e o impossibilitando de continuar a tirania. É justamente por isso que o hino recente da Bahia diz: “Com tiranos não combinam brasileiros corações.

É importante lembrar de tantos episódios que tivemos. É inevitável, padre André, não lembrar daquele episódio lamentável de triste memória que vivemos: havia no Conselho de Saúde da cidade de Salvador 32 membros, e o nosso querido bispo, à época, assumiu com todo entusiasmo aquela tarefa. Nelson Pelegrino, você acompanhou bem essa luta do Conselho presidido pelo padre André, o qual fazia nada mais nada menos do que fiscalizar, padre Solon. Nada mais nada menos, Severino, do que fazer o que você nos ensinava na luta dos combonianos: pressionar, criticar e ir às ruas quando for necessário.

Os Conselhos são espaços de controles sociais de extrema relevância, incomodando alguns, porque é lamentável que estes ainda não consigam conceber a democracia na sua efervescência vigente em nosso País. E à época o prefeito, via decreto para instituir o Conselho, o torou no meio. Havia nele 32 membros. Ele torou no meio e colocou só 16. Destituiu de forma autoritária, arbitrária e vergonhosa o presidente eleito, o padre André. Por isso, padre, é preciso que reconheçamos a sua trajetória aqui.

Mesmo naquele momento, D. Gilson, mesmo com aquela tirania, o nosso bispo não permitiu que não ficássemos com representante da igreja no Conselho Municipal de Saúde. E a nossa companheira Conceição, da Pastoral do Menor, assumiu aquela tarefa tão importante naquele momento.



Portanto, momentos como aquele é para que possamos refletir verdadeiramente a situação em que vivemos. Mas não só refletir por refletir, pois é preciso que cada um se coloque nessa questão. Discutíamos no Conselho exatamente isso, a partir da visão tão importante que você colocava: a de que é preciso não só ver como sinônimo de olhar, observar como mero espectador. Não! Somos convocados a perceber a realidade, a nos ver nela porque, se não nos enxergamos no cenário que vemos, não adiantará nada. No máximo iremos vaiar ou aplaudir, mas não transformar.

A nossa dimensão é de transformação, e exatamente por isso é importante todos estarem aqui. O nosso secretário Jorge Solla, em seguida, irá falar para nós, certamente, ações específicas da saúde em nosso Estado.

Quero aqui dizer que em 2011, o governo da Bahia, através da Secretaria de Saúde, investiu cerca de R\$ 75 milhões para proporcionar à população um atendimento de maior qualidade em suas unidades hospitalares. Foi ampliada a rede de serviço e entrou em funcionamento de novos leitos de UTI, adultos e neonatal no Hospital Clérison Andrade, em Feira de Santana, mais 15 leitos neonatais, no Hospital Regional de Guanambi, de dez leitos neonatais, além de cinco de adultos. O Hospital Prado Valadares, em Jequié, passou por reformas, inclusive a Comissão de Saúde desta Casa fez visita, ganhou mais dez leitos, além das UTIs 2 e 3 do Hospital Geral do Estado, que foi reaberto em março. Em 2011, ainda, o Hospital Otávio Mangabeira, em Salvador, referência no Estado para o tratamento de doenças de tratamento respiratório, teve reformado o setor de internação pediátrica, contando com mais 18 leitos, sendo que dois deles para isolamento. A população da área do Subúrbio Ferroviário também foi beneficiada com a unidade de pronto atendimento, a UPA. É bom que estejam aqui reivindicando mais. É como eu disse: cinco ainda é pouco em cinco anos de governo.

Ao todo serão mais 40 UPAs aprovadas pelo Ministério da Saúde e em processo de implantação. Já são cinco em funcionamento em Caetité, Vera Cruz, Bom Jesus da Lapa, Candeias e Salvador, também no Hospital Roberto Santos. É importante dizer isso, secretário Jorge Solla, sobre o que também refletimos no seminário de saúde que a Arquidiocese fez, do qual o deputado Nelson Pelegrino participou. Nós temos que ter muito cuidado com as



nossas críticas, porque tanto quanto é importante a crítica coerente e contundente, é desconstrutiva na perspectiva de garantia dos direitos a crítica irresponsável, a crítica sem elementos concretos para que façamos o debate.

Seria muito fácil para o secretário da Saúde dizer que estava em outra atividade, até porque agora de manhã, entre tantas atividades, temos a importante posse do nosso novo secretário do Planejamento, nosso companheiro Sérgio Gabrielli, que sai da frente da nossa Petrobras, transformando-a numa empresa maior do que já é no cenário mundial, para assumir essa tarefa no nosso governo do Estado. Até dizia, ontem, Solla, que o governador Jaques Wagner acabou de convocar Neymar para a sua seleção, para que a gente verdadeiramente construa a Bahia de todos nós.

Portanto, o nosso secretário aqui terá a oportunidade de colocar tantos outros investimentos que aconteceram na saúde, tenho aqui uma série deles que poderia relatar por várias horas, certamente todos terão acesso à íntegra. Mas quero passar tantos outros até para dar oportunidade ao nosso secretário de falar aqui, lembrando, inclusive, o dia de ontem, em que através do Programa Saúde da Mulher foi iniciada a instalação da Rede Cegonha. A Bahia foi o primeiro Estado a aderir a essa nova estratégia do Ministério da Saúde, que visa implementar uma rede de cuidados destinada a assegurar às mulheres o direito ao planejamento reprodutivo e a atenção humanizada à gravidez, ao parto e ao pós-parto, e às crianças, o direito ao nascimento seguro, ao crescimento e ao desenvolvimento saudável.

Essa estratégia também tem como objetivo incentivar o parto normal. Para dar início a esse trabalho, a Sesab inaugurou em Salvador, mais precisamente na região de Pau da Lima, no Centro Mansão do Caminho, o primeiro centro de parto normal do País. O centro tem como capacidade de realizar até 120 partos naturais por mês. Foi construído e equipado com doações também de voluntários e contrapartida do governo federal, via Ministério da Saúde, e do governo do Estado, por meio da Secretaria da Saúde. Recursos anuais de R\$ 1,6 milhão já estão garantidos pelo poder público, sendo 1 milhão do Ministério da Saúde e 600 mil da Secretaria da Saúde do Estado.

Quero aqui aproveitar para fazer a reivindicação tão necessária que os combonianos têm feito a partir do padre Arthur e do padre Severino, a nossa paróquia, região



de Sussuarana, que é uma gigantesca cidade, Jorge Solla, e quero fazer um apelo, tanto quanto é necessária a briga que fazemos lá na dimensão do direito à educação, do colégio Daniel Comboni, uma luta que estamos tocando com o nosso Secretário Barreto, quero pedir aos deputados federais Amauri e Nelson Pelegrino que nos ajudem nessa tarefa.

Quero, também, Jorge Solla, colocar a importância do posto de saúde no bairro de Sussuarana. Ali não só se encontra uma comunidade católica que faz esse apelo, D. Gilson, você que o faz tão bem na sua comunidade, não só à frente dos trabalhadores, dos frentistas dos postos de gasolina, mas também na sua paróquia, em Cajazeiras. Sussuarana precisa, porque aquela comunidade gigantesca já ilustra essa necessidade. Portanto, Secretário, quero, também, colocar essa reivindicação. (Palmas)

Quero, por último, dizer que, quanto à questão da saúde pública indígena, as ações da igreja com essa população partem do conhecimento das aldeias, contando com o Ministério da Saúde e organizações que acompanham os indigenistas, como é o caso do Conselho Indigenista Missionário – CIMI, com os caciques que fazem parte dessa labuta no dia a dia, e os seus Conselhos na Fundação Nacional do Índio.

Quero aproveitar para informar a todos que a luta do CIMI junto ao nosso mandato, pela primeira vez - olha D. Gilson, como nós precisamos ainda, de fato, fazer história neste Estado; imagine, Amauri, a Assembléia Legislativa baiana nunca teve um índio trabalhando na secretaria, Jorge Solla. Hoje temos, graças à determinação do governador Jaques Wagner, na Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, uma superintendência dos povos indígenas, e o superintendente é, exatamente, o índio Jerry Matalawê, do povo Pataxó Hã-Hã-Hãe. Agora, pela primeira vez na Assembléia Legislativa, teremos um assessor, que será do nosso gabinete, que é uma liderança indígena do nosso Estado.

No primeiro momento ele não pôde tomar posse, Secretário Jorge Solla, pois a Casa compreende que o índio é como outro cidadão, ignora-se a tutela da Funai – imagine, Amauri, você que esteve nesta semana, junto com Nelson Pelegrino e tantos outros, com a Ministra Carmem Lúcia para que o nosso caso que envergonha a Bahia. D. Gilson, o povo pataxó Hã-Hã-Hãe, do Sul da Bahia, há três décadas espera que a Justiça brasileira julgue o



processo de nulidade de títulos, pois os irresponsáveis, vários governadores irresponsáveis, doaram terras indígenas a fazendeiros, e há 30 anos a Justiça brasileira ainda não deu o retorno. Portanto, anular os títulos doados por governadores irresponsáveis, Padre André. E esses estiveram lá, agora, exatamente para que isso aconteça.

Nesse momento, um índio Pataxó vem à Assembleia para ser assessor, e a Casa diz que não pode porque ele não tem reservista, não reconhece que os índios, tutelados pela Funai, Amauri, não têm a obrigação de servir às Forças Armadas, como eu e você certamente o fizemos. Eu, naturalmente, com esse corpo extraordinário, com quase dois metros de altura, as Forças Armadas disseram que era desnecessário cumprir aquele papel. Fui cumprir o meu papel em outro lugar, para exercer a minha cidadania.

Que bom que o Presidente da Casa, hoje Marcelo Nilo, percebeu a importância de que é preciso quebrar paradigmas, que Jesus já dizia, D. Gilson, quando encobre enfermo, precisava dele no dia de sábado. Jesus disse, com muita veemência: a lei tem de estar a serviço dos homens, e não os homens a serviço da lei. (Palmas)

Portanto, é à esse apelo que ações como essa nos convoca. Precisamos, também, transformar a burocracia do Estado brasileiro, este Estado brasileiro que foi feito pela velha elite da burguesia branca, foi feito pela elite para servir às elites; este Estado não foi feito pelos pobres para servir aos pobres.

Precisamos, sim, mudar radicalmente muito da lei que institucionaliza a nação brasileira, o Estado brasileiro, para que não tenhamos capítulos vexatórios como esse. Que bom que o presidente Marcelo Nilo compreende a importância de fazermos história, numa perspectiva diferenciada.

Quero aproveitar também para saudar a nossa companheira Marta Rodrigues, essa mulher que também faz história, na Câmara de Vereadores, na luta do Partido dos Trabalhadores à frente da sua presidência em nossa cidade e também na luta em defesa da mulheres.

Quero concluir dizendo que é verdade que precisamos de mais investimentos – certamente o nosso querido Jorge Solla irá colocar informações mais precisas e os nossos



deputados federais também poderão fazê-lo –, mas a nossa presidenta Dilma não retirou absolutamente nenhum dinheiro do orçamento da saúde em nível nacional.

É óbvio que precisamos entender cada vez mais as coisas. O que é o contingenciamento? O contingenciamento é como se fosse o seguinte: nós diminuimos a contribuição da paróquia este mês. Nós costumamos, Padre Felipe, receber R\$ 1.000,00 de contribuição, mas este mês ela foi reduzida para R\$ 500,00. O que vamos fazer? Vamos fazer uma reserva exatamente para, quando chegar no final do mês seguinte, priorizarmos o que tem que ser pago, e aí nós sabemos as prioridades centrais. O contingenciamento é exatamente para isso, é para uma liberação posterior do que for mais importante.

Não tenho dúvida de que esses R\$ 5.000.000,00 não só serão liberados, como o Ministério da Saúde perceberá a importância, em que pese a grande crise mundial. A sabedoria iniciada pelo presidente e herdada pela nossa companheira Dilma Rousseff permite que a presidenta compreenda que, de fato, o Brasil está dentro do planeta, portanto, dentro da grande crise mundial, mas que da saúde nós não podemos, não só, retirar absolutamente nenhum centavo, como precisamos investir muito mais. Imaginem que em alguns países da Europa o investimento é de 6,7% do PIB nacional, de toda a produção da riqueza. No Brasil ainda é 3,24%! É verdade que é preciso ampliar esse investimento.

É importante destacar, secretário Jorge Solla, companheiros e companheiras que estão presentes, que poucos são os países que ousam enfrentar, exercitar e implantar uma política de universalização de direitos. Exatamente por isso, o SUS, que foi construído pelas mãos de homens e mulheres que militam na saúde em nosso País e que, sem dúvida, foi assumido pelo Estado brasileiro, mas sobretudo construído a partir do ventre do movimento social, tanto contribuiu para esse debate e para essa formulação. Universalizar direitos é fundamental para nós!

É exatamente por isso que o Sistema Único de Saúde, tanto quanto o SUAS, Carol, é fundamental para garantir a cidadania real em nosso País, porque significa dizer que o direito social não pode ser a esmolinha do político. A ambulância não pode ser o favor do vereador, o acesso à UTI, ao leito, não pode ser um favor, Padre Jorge, em que pese o nosso desespero, muitas vezes um ligando para o outro, dizendo: “Fulano, eu preciso de uma UTI.



Beltrano, precisa de uma cirurgia.”. Em que pese esse desespero, Aladilce, que toma conta de todos nós tantas vezes, não é isso que nós queremos!

Nós queremos, secretário Jorge Solla, o que você fez: a implantação de mecanismos que possam universalizar sem identificar o gênero, a raça ou a classe social, que possam, verdadeiramente, garantir o direito a todos.(Palmas.) Portanto, queremos que todos que chegarem sejam remetidos à central. E é claro que lá existem duas ordens. Naturalmente uma delas é a de chegada, mas a outra ordem é a da gravidade, da prioridade, e nós não podemos deixar de reconhecer primordialmente o direito das nossas crianças, das nossas mulheres, dos nossos idosos.

É exatamente nessa perspectiva que universalizar é uma ousadia do governo brasileiro, do Estado brasileiro, da sociedade brasileira....E essa ousadia tem que ser reconhecida para que nós possamos potencializar a nossa luta, para que nós possamos potencializar, cada vez mais, a nossa ação junto ao Estado brasileiro, junto à Assembleia Legislativa, como é o caso.

Quero concluir o meu discurso agradecendo à CNBB por nos convocar para esse debate. Muito obrigado à CNBB pelo vigor profético tão presente na sociedade brasileira. Não tenho dúvida do reconhecimento da CNBB por parte de toda a sociedade, de todas as religiões. É como se a CNBB não fosse da Igreja Católica, é como se a CNBB não pertencesse a uma religião, porque é tão entranhada na vida do povo, é tão presente na realidade do povo, Padre Severino, como quando os Combonianos dialogam tão bem com as religiões de matriz africana. Como Dom Murilo, há duas ou três semanas, numa entrevista grande num jornal semanal de domingo, disse que com muito conhecimento de causa e com muito testemunho cristão, a gente não precisa de tolerância às religiões, não estamos aqui para tolerar o outro, estamos aqui para respeitar o outro. E a ação respeitosa da CNBB para com todas as religiões é inevitável que o vice-versa também aconteça. A concepção hoje do debate se faz exatamente voltado, cada dia mais a cada um e a cada uma.

Quero terminar o meu pronunciamento como eu disse, saudando aqui esse brilhante militante da saúde da nossa cidade e do nosso Estado. Quero fazê-lo, padre André, pedindo a esta Casa, aos nossos dois deputados federais que estão aqui, Amaury Teixeira e



Nélson Pellegrino e também ao secretário Jorge Solla, a Pastoral da Saúde tem um esteio na história da luta do padre André o seu grande ancoradouro. Padre André é o grande pilar de sustentação da Pastoral da Saúde. Em que pese ainda o seu vigor juvenil, sabemos que depois de 50 anos de Bahia, de Brasil e de Salvador, depois de tanto tempo, certamente a idade começa a fazer com que diminuamos a velocidade. A gente não para, obviamente, padre Jorge, até porque tantos garotos que estão por aí, como o senhor, para sucedê-lo.

Mas não tenho dúvida que esta Casa precisa como um gesto concreto, e o faço, como eu disse, ao secretário, aos deputados federais e à Bancada católica desta Casa, Dom Gilson, a sentar como um gesto concreto com a Pastoral da Saúde, com os padres André e Jorge, aí não vê que católico é quem vai à missa ao domingo, mas católico que verdadeiramente assume sua espiritualidade com essa dimensão profética na perspectiva de fazer com que o seu exercício nesta Casa seja uma dimensão de nós leigos e missionários.

Que nós sentemos com a Pastoral da Saúde e possamos discutir como a pastoral deve avançar. Porque é verdade, Dom Gilson, nossa igreja também precisa avançar na compreensão da necessidade da relação com o Estado. O senhor estava comigo, com o deputado Nélson Pellegrino e com o nosso querido Dom Murilo junto ao ao nosso governador Jaques Wagner discutindo a passagem da Cruz Peregrina em nosso Estado.

Portanto aquele exercício tem que ser reproduzido em todas as dimensões, padre Jorge, inclusive na saúde. A Pastoral da Saúde precisa de nós. Imagine, Dom Gilson, que há pouco tempo a Pastoral da Criança, e Cosme sabe do que vou dizer, não tinha utilidade pública, deputado Nélson Pellegrino, lá da sua matriz, no Paraná, porque achava que era desnecessário. E só agora há 4 ou 5 anos é que a Pastoral da Criança tem a utilidade pública aprovada por esta Casa para executar projetos que é o que estamos fazendo agora, projetos e convênios com a Pastoral da Criança.

Portanto, padre Jorge, é preciso que a Pastoral da Saúde também faça isso, que tenha a CNPJ, que tenha a utilidade pública, que possa conveniar, que possa verdadeiramente exercitar a sua ação missionária não só numa perspectiva do bom debate, mas também na gestão da política pública da saúde. É exatamente nesse sentido, Dom Gilson, que acho que nós deputados, em especial da Bancada Católica, com oração e com ação concreta, podemos



e devemos nos empenhar e fazer disso um gesto concreto. Quero dizer que nesta Casa tramita um título de cidadão baiano para reconhecer a tantos missionários brilhantes da nossa Igreja Católica, a sua ação junto a nossa cidade e ao Estado da Bahia. Portanto, tramita esse título de cidadão nesta Casa para sua aprovação imediata, padre André.

Queremos aqui hoje fazer-lhe uma homenagem, dando uma pequena lembrança, que não é só uma lembrança desta Casa, do nosso mandato, mas é um reconhecimento da nossa Igreja, permita-me, Dom Gilson, somar a nossa Igreja a essa homenagem ao padre André. Um reconhecimento do Clero, dos leigos e de todos os nossos missionários, todos aqueles que labutam não só na saúde, mas também em defesa da vida compreendendo o que disse Santo Agostinho, que precisamos avançar não só na perspectiva da ação, mas da ação concreta, que possa refletir a nossa oração.

É nesse sentido que quero agora, reconhecendo a sua vida, a sua trajetória missionária, o seu esforço, mas não tenho dúvida do seu prazer. Como disse Madre Teresa de Calcutá, o maior prazer do mundo é servir.

Pois bem, não tenho dúvida de que a sua vida, se é marcada pelo sacrifício de doar-se, também é marcada pelo prazer de servir ao povo de Deus, sem nenhuma distinção. Não só àqueles que carregam a cruz no peito, mas a todos aqueles que ainda carregam a mazela da falta do direito; àqueles que não têm acesso a tantos direitos. Ao senhor, que foi e é a voz de tantos que não a têm; ao senhor, que foi e é o representante da nossa luta na saúde na Igreja e na sociedade baiana, a nossa deferência, o nosso reconhecimento e o nosso pedido a Deus para que o mantenha cada vez mais nesta missão profética e cristã.

Repito, que o senhor possa dizer cada vez mais, com esse entusiasmo juvenil, que a nossa Igreja santa – embora certamente cometa deslizes –, em sua santidade, ajuda a construir dias melhores para o nosso País.

Padre André, esse brilhante militante da saúde, – permita-me, D. Gilson, sou leigo e leigo tem menos poder dentro do Direito Canônico, mas tem mais ousadia no dia a dia –, esse santo padre, amigo e querido de todos nós, padre André, muito obrigado por tudo!
(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 09/03/12

(Apresentação musical.)

(O deputado Yulo Oiticica procede à entrega de uma placa ao padre André.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Pelegrino):- Mais do que justa todas as homenagens ao padre André.

Devolvo a presidência dos trabalhos ao autor do requerimento desta sessão especial, o deputado Yulo Oiticica.

Antes, porém, registro as presenças das vereadoras de Salvador Aladilce Souza e Marta Rodrigues, militantes da saúde em nosso município.



2763-II

Ses. Esp. 09/03/12

Or. Jorge Solla

Campanha da Fraternidade 2012 – Fraternidade e Saúde Pública - “Que a saúde se difunda sobre a terra.”

(O deputado Yulo Oiticica reassume a presidência dos trabalhos.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Quero convocar para a Mesa este importante militante da saúde, o nosso querido companheiro, amigo e irmão padre Jorge Brito.

Convoco para fazer uso da palavra o querido secretário Jorge Solla.

Como disse antes, agradeço por sua importante presença.

O Sr. JORGE SOLLA:- Bom dia a todos e a todas.

Primeiro, quero parabenizar o deputado Yulo pela iniciativa desta sessão que permite uma oportunidade ímpar para o debate aqui, num momento tão especial em que a Igreja Católica assume na Campanha da Fraternidade deste ano o tema da saúde.

Também parabenizo essa iniciativa, saudando D. Gilson Andrade, bispo auxiliar da Arquidiocese. Tive a oportunidade de participar da missa do Dia de Cinzas com o nosso arcebispo, quando ele fez o lançamento da Campanha. E quero registrar como foi fundamental, num momento especial como este... Comentarei depois.

Acho que, Yulo, talvez tenha sido o ano mais adequado para a igreja escolher o tema saúde para a Campanha da Fraternidade, frente aos desafios colocados a nós neste momento.

Queria saudar os nossos parlamentares aqui presentes: deputado Nelson Pellegrino, deputado Amaury Teixeira, e as vereadoras Marta e Aladilce. E agradeço a parceria de todos no combate aos desafios da saúde.

Agradeço ao padre Renato Minho, representando o comandante geral da Polícia Militar, e à nossa amiga Ariselma, dirigente da Fundac.

Faço uma saudação especial ao padre André, que conhecemos da longa jornada de sua militância pela saúde. Acompanhamos sua trajetória, que foi comentada aqui, quando ele



era presidente do Conselho Municipal de Saúde. E me permita dizer, padre, que há cenas que marcam nossa mente e dificilmente as apagamos da memória mesmo após 10, 20 anos. Foi algo marcante ver o senhor comandando o enfrentamento na Câmara de Vereadores, com sua liderança, sua trajetória e toda a capacidade de aglutinar as forças democráticas desta cidade naquele momento difícil, na gestão do então prefeito Imbassahy, que atropelou o Conselho Municipal de Saúde, atropelou todas as forças populares que atuavam na saúde em nossa cidade.

Saúdo a nossa amiga e colega Dalva, aqui representando a Universidade Estadual de Feira de Santana, já militamos juntos há muitos anos nessa área; e a diretora do Núcleo de Ação Popular, Géssica.

Quero saudar três companheiros do Conselho Municipal de Saúde, José Silvino, Helma e Silene, que estão presentes – agradeço, inclusive, a militância de vocês no Conselho Estadual, porque têm dado grandes contribuições na atuação desse órgão; a representante dos Usuários, Marilene, que está presente; e o padre Jorge. Desculpem-me se não registrei a todos.

Eu gostaria, primeiro, de comentar um pouco sobre por que acho, Yulo, que a escolha do tema Saúde este ano foi muito importante. Acho que vivemos um momento especial na consolidação do Sistema Único de Saúde.

Escrevemos na Constituição Federal a saúde como um direito do povo e um dever do Estado, mas não basta a legislação dizer que a saúde é um direito do povo e que é obrigação da Federação – governo federal, estados e municípios – viabilizar as condições para que os serviços sejam oferecidos, na dimensão, oportunidade e qualidade necessárias, a todos os cidadãos. Nós precisamos criar condições para que isso se dê.

Infelizmente, passamos recentemente por um dos maiores revezes, uma das maiores derrotas, eu diria, que o Sistema Único de Saúde sofreu nos últimos anos depois de tanto tempo se tentando regulamentar a Emenda nº 29. Para você ter uma ideia, Nelson, o nosso amigo, médico de São Paulo, o deputado federal Roberto Gouveia fez questão de ser o primeiro a apresentar um projeto de lei, no início de 2003 – o primeiro da era Lula –, para a regulamentação da Emenda nº 29.



Ficamos de 1º de janeiro de 2003 até agora para conseguir aprová-lo no Congresso.

E o que foi aprovado foi “um tiro no pé”, para usar um termo bem popular, porque, além de não aumentar os recursos financeiros para a saúde, criou ainda uma série de mecanismos burocráticos, uma série de mecanismos que não contribuem para o avanço da participação popular e que não contribuem para a ampliação da oferta de serviços.

Recentemente, tive uma reunião em Brasília. Esta semana houve um seminário feito com vários estados e com várias secretarias estaduais e municipais. E o consenso geral é o seguinte: além de não haver mais recursos financeiros, criaram tantas dificuldades que vai gerar ainda mais resistências ao sistema de saúde.

Num momento desse de adversidade, vamos precisar retomar as forças, retomar a capacidade de organização não só dos espaços de gestão, mas principalmente, eu diria, da sociedade brasileira que sabe a importância da saúde pública e que as conquistas que o SUS já teve aqui em nosso País.

O segundo ponto que queria comentar – Yulo o trouxe aqui muito bem – é que precisamos avançar muito mais ainda na saúde. O primeiro passo para conseguirmos avançar mais na saúde é identificar e reconhecer o quanto já avançamos na construção do Sistema Único de Saúde. Dos países com mais de 100 milhões de habitantes, Dom Gilson, o único País no mundo – e olhe que temos muito menos recurso do que os Estados Unidos e outros países mais ricos – que ousou assumir a construção do sistema público de saúde universal foi o Brasil. Por isso, o Brasil hoje é, internacionalmente, conhecido em função disso. Hoje, lá fora, os países reconhecem muito mais as conquistas no âmbito da saúde pública brasileira que dentro do próprio Brasil.

O Brasil tem hoje, gente, o maior programa de vacinação do mundo! Não há nenhum país no mundo que faça gratuitamente a imunização que conseguimos fazer no SUS. Não é por acaso que, hoje, não temos não só a poliomielite não, mas também não temos o sarampo, a rubéola. A Bahia, desde 2007, não tem mais nenhum caso de sarampo ou rubéola.

Antes do SUS, a preocupação era de quem vinha de fora para o Brasil, ou seja, quem vinha da Europa para o Brasil tinha medo de ser contaminado por uma doença infecciosa. Agora, é o contrário. Agora, a nossa preocupação se funda no fato de que há um



surto de epidemia de sarampo na Europa. A nossa preocupação é com as pessoas que moram na Europa e vêm para cá trazendo sarampo. Recentemente, aqui na Bahia, tivemos um caso que veio da França; outro, da Alemanha. Olhem como nós invertemos isso em poucos anos, não é?

Do outro extremo, nós temos o maior programa público de transplante de órgãos do mundo! Nenhum país faz tanto transplante de órgãos pago com recurso público como o Brasil faz. E, aí, tenho insistido muito, Nelson, que temos duas grandes mentiras, especialmente a que os meios de comunicação vivem propagando contra o SUS. Temos de mostrar para a sociedade que são mentiras e temos de desmistificá-las.

A primeira ideia que se passa é a de que o SUS é um sistema de saúde pobre para pobre. Não é. O SUS é para toda a população. E, graças ao Sistema Único de Saúde, no Brasil, mais de 97% do tratamento de insuficiência renal e hemodiálises são feitos pelo SUS. Mais de 90% de toda a quimioterapia, radioterapia, cirurgia cardíaca, aqueles procedimentos mais caros, que custam mais, de maior incorporação tecnológica que são feitos no Brasil não existiriam sem o SUS. Os outros 10%, para alguns procedimentos, e 5%, para outros, também não existiriam se não fosse o SUS. Tudo isso aconteceu graças ao SUS que investiu na capacitação de profissionais e em serviços para incorporar essa tecnologia.

Nenhum país do mundo – nenhum, dom Gilson – tem o programa que o Brasil tem na questão da AIDS. Desde comunicação à saúde, diagnóstico precoce, tratamento gratuito e, até hoje, a cirurgia para a recuperação dos efeitos colaterais do tratamento são feitos, no Brasil, pelo SUS. Tudo gratuitamente!

Nenhum país do mundo tem o programa de distribuição de medicamentos de alto custo como o Brasil tem. Só aqui na Bahia, já temos 40 mil idosos recebendo medicamentos para as doenças de mal de Alzheimer, mal de Parkinson, osteoporose. Cada um desses medicamentos a conta é enorme.

Nós temos um programa de prevenção e vigilância à saúde, em que raros países no mundo têm o controle de risco que a Vigilância Sanitária brasileira conseguiu desenvolver, desde o controle da qualidade da água mineral que você compra até a fiscalização dos



produtos da alimentação, dos próprios medicamentos, tudo é feito com a Vigilância Sanitária.

Recentemente, agora no Carnaval, Nelson, você estava lá quando o nosso ministro da Saúde esteve aqui, o ministro Padilha, participando conosco, nós o levamos para conhecer o que são as ações de vigilância sanitária durante o Carnaval, ele ficou impressionado. Porque desde a qualidade do gelo à fiscalização dos alimentos e até os dejetos dos carros de apoio do trio elétrico, tudo é monitorado pela Vigilância Sanitária.

Então, um sistema desse não é medicina de pobre para pobre. É um milhão de internações por mês. Doze milhões de brasileiros por ano são internados no Sistema Único de Saúde. Claro que temos muito que avançar. Mas essa é uma mentira que temos que derrubar; tem que acabar com isso.

A segunda grande mentira, essa é pior ainda, é aquele sujeito que abre a boca e diz assim: eu não uso o SUS. Não tem nenhum brasileiro que não use o SUS; todos os brasileiros usam o SUS. A diferença é que algo em torno de 30% da população usa o SUS e usa também algum plano de saúde e 70% só usam o SUS. Mas quando precisa de procedimento de alto custo, mesmo que tenha um bom plano de saúde, ele vai ao SUS pegar o medicamento de alto custo, ele vai ao SUS para fazer o transplante, e muitas vezes até usa de advogado particular e de liminar judicial para passar na frente da fila de todas as pessoas que estão aguardando determinados procedimentos pelo Sistema Único de Saúde.

Então, essa é uma realidade que tem que ser mostrada à população o quanto avançamos. Agora, claro que temos muito a conquistar, ainda temos muitos problemas e temos muitas lacunas.

O deputado Yulo colocou aqui: somente no governo Wagner, de 2007 para cá, já viabilizamos 500 postos de saúde construídos com recursos do Tesouro Estadual e mais de 300 com recursos repassados pelo Ministério da Saúde. Então são mais de 800 novos postos de saúde em cinco anos aqui no Estado.

Este ano o governo da presidenta Dilma está liberando 130 milhões de reais para reforma e ampliação de postos de saúde nos municípios aqui do Estado. Nunca teve uma



ampliação tão grande de recursos, investimento tão grande na recuperação da rede física existente e na construção de novas unidades.

Na área hospitalar, como o deputado Yulo lembrou aqui, somente na rede estadual, foram 1.218 novos leitos construídos, cinco novos hospitais e ampliação de leitos em várias outras unidades. Um mil e duzentos leitos, Dalva, só na rede estadual, fora o que ampliou na rede municipal, na rede filantrópica e em outras unidades. Dobramos o número de leitos de UTI; triplicamos a cobertura de centros em especialidades odontológicas; dobramos o número de centros de atenção à saúde mental, dos CAPS aqui no Estado; ampliamos quase que duas vezes a cobertura em diversos serviços na Região Metropolitana.

Só para citar alguns deles, a parte de reabilitação física que o Cepred é o carro chefe; da assistência ao idoso, que o centro de referência ao idoso, o Creasi, é a cabeça dessa rede; da saúde do trabalhador, que o Cesat é quem pilota um conjunto de vários serviços, mas, com certeza, ainda temos muito que avançar.

As dificuldades, gente, precisam ser superadas, de toda ordem. Vou dar um exemplo daqui de Salvador: ontem, deputado Nelson Pelegrino, vocês viram aquele acidente, não sei se todo mundo viu na mídia um acidente horrível que houve ontem, um ônibus na via CIA/Aeroporto bateu com uma carreta, um acidente de grandes dimensões, com muitas vítimas. Mas num momento desse há algumas lições que temos que aprender. Primeira lição: os investimentos que foram feitos, deputado Yulo, mostram o quanto foram importantes para salvar essas vidas, porque foram 36 vítimas no mesmo acidente, e tudo funcionou, com toda assistência – Samu, Corpo de Bombeiros, Grupamento da Aeronáutica com helicóptero. Em menos de uma hora todas as vítimas estavam no Hospital do Subúrbio ou no HGE, com toda a assistência sendo prestada, com toda equipe mobilizada.

Fomos no Hospital do Subúrbio fazer uma visita e depois fomos na UPA, lá na Suburbana, à altura de Escada, que inauguramos recentemente. Chegamos na UPA de Escada 11h da manhã e lá estavam mais de 300 pessoas sendo assistidas – eles estão atendendo em torno de 400 pessoas por dia. Começamos a conversar. A maior parte, a maioria absoluta é de pacientes que não deveriam ir para uma emergência hospitalar nem para uma UPA, mas que precisam ter uma boa atenção básica, uma equipe de Saúde da Família no seu bairro



(Palmas). O subúrbio ferroviário hoje, é um bom exemplo disso, porque o governador Jaques Wagner, só aqui em Salvador, daqueles 500 novos postos de saúde, 13 deles foram construídos dentro de Salvador pelo governo do Estado e entregues à prefeitura. Desses 13, oito são no subúrbio ferroviário. Em todas essas unidades, inclusive na Ilha de Maré, todas elas, estão sofrendo a falta de profissionais, por falta de capacidade da gestão municipal para viabilizar uma boa atenção básica. Se não tiverem uma boa atenção básica, as pessoas vão procurar a emergência, sobrecarregam uma unidade que precisa estar ali para atender pacientes graves, termina-se misturando o paciente que está enfartando com o paciente que torceu o dedo do pé; o paciente que está gripado com o paciente que veio com trauma de um acidente de ônibus com uma carreta... Aí, nós temos que começar a separar, e a forma de separar isso é ter uma boa atenção básica.

As emergências hospitalares, deputado Yulo, se se for lá ver qual é o perfil dos pacientes, aqueles que precisam realmente da emergência hospitalar, em grande parte, precisam dela porque não tiveram uma boa atenção básica, porque se não controlam a hipertensão, esse paciente vai ter uma acidente vascular mais cedo ou mais tarde e vai precisar da assistência de emergência; se não controla a diabetes, esse paciente mais cedo ou mais tarde vai ter uma falência renal e vai precisar de uma emergência e vai precisar se submeter à dialise. Então uma boa atenção básica é fundamental não só para a saúde das nossas crianças, não só para a saúde das gestantes fazendo um bom pré-natal, mas, principalmente, para garantir que tenhamos menos doenças; para garantir que, ao ter a doença, ela possa ser melhor controlada; que a cada dia, possamos viabilizar melhores condições para nossa população.

Temos coisas boas, por exemplo: estamos envelhecendo. Está aumentando a expectativa de vida da população brasileira, não é isso? Estamos podendo ficar mais velhos. Mas ao ficarmos mais velhos, significa que vamos ter mais pessoas com problema de hipertensão, de diabetes, de câncer, de doenças que, com o avançar da idade vão aumentando as ocorrências. Para isso, precisamos nos preparar, precisamos ter uma gestão municipal, deputado Yulo, deputado Amauri, deputado Nelson Pelegrino, que coloque a saúde como prioridade, que coloque a atenção básica como prioridade, que organize sua rede básica. A



terceira maior cidade do Brasil não pode continuar tendo a menor cobertura de saúde da família. (Palmas) Não dá para continuar desse jeito.

Eu queria, - não posso me estender muito, até porque tem outros oradores - só acrescentar um dado para os senhores. Par mim, em vez de falar um monte de números, vou dar só um número para mostrar-lhes o quanto precisamos mobilizar a sociedade para defender o SUS e conseguir mais recurso para a saúde. Dado de 2010: se se somar todos os recursos que o governo federal gastou com a saúde; todos os recursos que os Estados brasileiros gastaram com a saúde e que todos o municípios gastaram com a saúde e dividi-los pela população brasileira, sabe quanto é que dá? R\$1,98 – dados de 2010 – por habitante/dia. R\$1,89 para combater o mosquito da dengue, fazer o maior programa de vacinação de um lado e do outro lado fazer transplante de órgão, fazer cirurgia cardíaca... R\$1,98 para fazer internamento de 12 milhões de brasileiros, para fazer assistência ambulatorial, para fazer tudo com menos de R\$2,00 por dia!

Então, não tem no Brasil nenhuma política pública com o custo-benefício que o SUS tem. Não tem nada no Brasil que faça tanto com tão pouco. E ainda tem gente que diz assim: “O problema do SUS não é dinheiro, não. É de gestão. Eu queria entregar esse R\$ 1,98 a essa pessoa e dizer: “Faça tanto com esse R\$ 1,98”, porque numa cidade como Salvador o mais caro não é o que se gasta com a saúde. O mais caro é o que o paciente gasta para sair da casa dele, pagar uma passagem de ônibus e ir até o serviço de saúde. É mais caro pagar uma passagem de ônibus em Salvador do que o SUS tem de dinheiro para dar toda a assistência a esse paciente. E isso se ele voltar andando para casa, porque só a passagem de ida já é mais do que o SUS tem para fazer tudo na saúde em nosso País.

Esta é uma realidade que temos de enfrentar. Não é o sistema de saúde que amplia a participação popular, que reforça os Conselhos de Saúde, que abre espaço para o diálogo. Nesta semana mesmo tivemos mais uma reunião no Conselho apresentando um relatório de gestão da Secretaria da Saúde, e esse é um processo importante de mobilização que temos de continuar. E mais: fazer saúde significa investir nas pessoas.

Concluindo, quero chamar a atenção para isto: não dá pra pensar em fazer saúde pensando só nos prédios e equipamentos. O governador Wagner já inaugurou 5 hospitais e



está fazendo mais. Vem construindo o Hospital da Chapada, em Seabra. Está em curso a construção. Estamos ampliando o Hospital Roberto Santos com um prédio anexo que dispõe duma unidade de pronto-atendimento. Vamos começar no ano que vem a ampliação do HGE e construir o novo Hospital Couto Maia. Já estamos preparando um projeto para novas unidades de pronto-atendimento em vários municípios do Estado. São 49 ao todo em construção. Enfim, o espaço físico, o prédio, os equipamentos são importantes, mas o mais importante são as pessoas, o investimento nos trabalhadores e usuários dos serviços de saúde.

Dois aspectos são fundamentais. Às vezes, não tocamos muito no assunto: primeiro, o produto do sistema de saúde de recuperação, de proteção, de promoção da saúde e restabelecimento de quem já tem algum problema de saúde é fundamental. No entanto também é essencial o papel do sistema de saúde enquanto gerador de emprego e renda. Não há nenhum setor da sociedade que gere tanto emprego e distribua tanta renda como o sistema de saúde. Quando vêm as crises do mercado internacional, as isenções de impostos vão para a indústria, mas ninguém lembra que o sistema de saúde é hoje um dos maiores empregadores, um dos maiores distribuidores de renda da sociedade. Então qualquer governo tem de pensar a saúde não só como benefício para o cidadão, mas igualmente como benefício para toda a sociedade enquanto grande gerador de emprego e renda que emprega desde o agente comunitário de saúde, que não tem formação anterior na universidade nem formação técnica, pois o requisito é ele ser morador da comunidade, até um profissional que investiu na universidade 6, 8, 10 anos de formação.

Outro aspecto, para concluir, é o investimento na preparação dos profissionais. E as nossas dificuldades são muito grandes, deputado Yulo! A Bahia só ganha do Maranhão e de Alagoas em número de vagas para formação de médicos. Somente! É o 25º pior Estado do Brasil na formação de novos médicos porque não houve investimento nos governos anteriores - nem do federal nem do estadual. Porém estamos buscando recuperar, correndo atrás do prejuízo.

Estava ali uma senhora com um cartaz precisando de um neurocirurgião. Sabem quando foi que começou a se formar neurocirurgião na Bahia? Nelsinho, tem dois anos apenas. Até dois anos atrás não existia nenhum curso de residência médica para preparar



neurocirurgião. Todos os neurocirurgiões que atuam na Bahia hoje foram formados fora. Quando o governador Wagner assumiu, só tinha neurocirurgia em Itabuna e Salvador. Atualmente temos em Barreiras, Vitória da Conquista, Teixeira de Freitas, Jequié, Feira de Santana. E na parceria da região interestadual, em Juazeiro e Petrolina. Para viabilizar a neurocirurgia em Barreiras, tivemos de trazer do Rio Grande do Sul. A de Jequié veio de Portugal. A de Teixeira de Freitas veio do Rio de Janeiro. Temos uma relação de médicos por habitante das piores do Brasil.

O primeiro curso de Medicina no País foi aqui, criado por D. João VI em 1808.

Para surgir o segundo, levou 150 anos, só foi aberta em 1958 a Escola Baiana de Medicina. E o segundo curso público aberto em Salvador foi agora, o curso da Uneb, já foi aplicado o vestibular e vão começar as aulas agora. Então, foi D. João VI em 1808 e o governador Wagner em 2012, olhem a lacuna do tempo na formação de investimentos em cursos públicos de medicina na nossa capital, que é a terceira em população do País.

Insisto em dizer a vocês que quando o governador Wagner assumiu em 2007 só tinha serviço especializado em tratamento de câncer em Itabuna e Salvador. Hoje temos em Conquista, em Teixeira de Freitas, Feira de Santana, Juazeiro e, em breve, em Barreiras. Mas a maioria desses profissionais foram formados fora, tivemos que buscar fora.

Então investir nas pessoas significa fazer os investimentos que o governo do Estado vem fazendo, que o governo federal, depois do presidente Lula, começou a fazer quando passou a criar novas universidades federais na Bahia. E esse é o maior investimento que podemos fazer, é investir nas pessoas, na formação, na qualificação, na contratação. Fizemos o primeiro concurso público para médico depois de 17 anos que o governo do Estado não fazia concurso para esse fim e precisamos mais e melhores profissionais para atender bem a população. Para assistir bem, para acolher bem, para contribuir a cada dia para que o SUS faça mais e melhor pela população brasileira.

Muito obrigado a todos e parabém a Yulo pela iniciativa.

(Não foi revisto pelo orador.)



2764-II

Ses. Esp. 09/03/12

Or. Nelson Pelegrino

Campanha da Fraternidade 2012 – Fraternidade e Saúde Pública - “Que a saúde se difunda sobre a terra.”

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, secretário Jorge Solla.

Registro as presenças do Padre Felipe - Pastoral Carcerária; do companheiro Edilson – coordenador de segurança da Case Salvador; Luizinho e Carlos – diretores da Fundac.

Convido para fazer uso da palavra o deputado federal Nelson Pelegrino.

O Sr. NELSON PELLEGRINO:- Bom dia a todos e a todas. Depois da fala do secretário Jorge Solla, poder-se-ia dispensar a minha. Como disse o deputado Yulo, o secretário Jorge Solla é uma das maiores autoridades em saúde pública do Brasil; foi secretário municipal da saúde em Vitória da Conquista onde se construiu o melhor sistema de saúde pública da Bahia, um dos melhores do Brasil; foi secretário nacional de atenção à saúde, a secretaria mais importante do Ministério da Saúde no governo Lula e gestão do ministro Humberto Costa; e está há cinco anos à frente da nossa secretaria estadual de Saúde.

Sola fez um atalho grande na minha fala porque ele abordou vários temas que eu queria abordar. Digo isso porque recentemente, Sola, eu e Yulo participamos do seminário da Campanha da Fraternidade promovido pelo Colégio Nossa Sra. de Salete. Embora nosso amigo Padre Jorge estivesse lá na segunda mesa dos trabalhos, ficamos eu e Yulo angustiados porque não tivemos o tempo necessário para fazer o debate que está acontecendo aqui hoje e falar dos dados e dos números que o secretário Jorge Sola passou aqui para vocês.

Penso eu que essa iniciativa do deputado Yulo é muito importante, pois permite que a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia abra suas portas no período da Quaresma, quando a Campanha da Fraternidade se intensifica, porque essa campanha dura o ano inteiro, mas é agora que se concentram as discussões, as reflexões e suas ações.

Como deputado federal, assumi o meu primeiro mandato em 1999, e a Câmara Federal não tinha, D. Gilson, tradição de fazer sessões como esta. Fui o primeiro a propor



que a Câmara abrisse suas portas para debater o tema da Campanha da Fraternidade e, desde 1999 até hoje, a Câmara, religiosamente, todos os anos, por iniciativa minha e de outros deputados, realiza essa sessão. A de lá será no dia 27 de março, quando vamos debater o tema da Campanha da Fraternidade.

Eu queria saudar o deputado Yulo pela sua iniciativa, saudar a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia por abrir suas portas para debatermos o tema. Queria parabenizar, D. Gilson, na sua pessoa a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que, como sempre, muito visionária. A nossa CNBB, a nossa Igreja Católica tem sido visionária na escolha dos temas para a Campanha da Fraternidade, alguns deles até com dois anos de antecedência e, como registrou o nosso secretário Jorge Sola, no ano em que a campanha acontece, o tema explode de importância e de debate.

Quero saudar esse símbolo da nossa Igreja também e da saúde pública e da luta comunitária pela saúde pública em Salvador, e diria na Bahia, que é o nosso Padre André, todas as homenagens aqui rendidas a ele são justas, porque Padre André, como presidente do Conselho Municipal de Saúde liderou uma resistência popular, diria eu, e comunitária ao desmonte da saúde em nossa cidade e levantou a bandeira da saúde pública de qualidade e uma saúde que pudesse ser administrada com a participação popular.

Saudar também ao deputado Amauri Teixeira, meu colega, médico de formação, foi sub-secretário durante quase 04 anos da gestão do secretário Solla, o Padre Renato, que aqui representa o comando da Polícia Militar, Silvino, o Padre Jorge, Selma da Fundac, Géssica, Dalva, Marilene.

Serei breve na minha fala. Gostaria de falar duas coisas fundamentais: primeiro, por que nós estamos aqui? Estamos aqui para debater o tema da Campanha da Fraternidade. Quando a nossa Igreja chama-nos à reflexão, principalmente no período da quaresma, ela quer não só refletir sobre a saúde no nosso país, principalmente a saúde pública, ela quer que nós, como católicos, como cristãos possamos não só debater esse tema, mas possamos atuar diante dele. E como é que podemos atuar como Igreja? Podemos atuar com organização comunitária, com organização de base, cobrando, como está sendo feito aqui, melhorias para a saúde do nosso país, do nosso estado e das nossas cidades, onde residimos. Temos que



mobilizar e sensibilizar nossas autoridades públicas, do presidente da República ao governador, aos prefeitos, aos deputados, aos vereadores para que aloquem cada vez mais recursos para a saúde. Isso é muito importante, a campanha tem essa função e, como Igreja, como comunidade como é que podemos não só construir práticas comunitárias de saúde, isso é muito importante, e como Igreja como podemos participar do controle social, que é uma grande conquista do Sistema Único de Saúde.

O secretário Jorge Solla abordou vários temas aqui, e um eu queria, para complementar a sua fala e não contrapô-la, quando disse que temos R\$1,90 percapta por cada cidadão/dia na saúde, e ele aqui registra, e fiz questão de falar isso pro nosso seminário da CNBB, que há um sub-financiamento da saúde em nosso país. Quando dizemos que há um sub-financiamento é que os recursos, hoje, destinados pela União, estados e municípios para financiar esse sistema que é único no mundo, que é universal, não existe nenhum país do tamanho do Brasil que hoje tenha um sistema público e universal como temos em nosso país. A nação mais poderosa do planeta, que é os Estados Unidos, 30 milhões de pessoas não têm nenhum tipo de atendimento de saúde, morrem, nem são atendidos nos hospitais. E o nosso sistema é único, para você ser atendido na rede pública ou na rede conveniada basta ser brasileiro ou basta residir em nosso país. Esse é o critério da universalidade.

Então, quando o secretário Jorge Solla diz que temos um sub-financiamento isso é verdade. Temos que ampliar os recursos para a saúde. E aqui eu queria, inclusive, fazer uma justiça, não sei, Solla não deu esse número, mas a emenda constitucional 29 estabelece que os estados têm que gastar, no mínimo, 12% com saúde, os municípios 15%, para União não tem percentual. Não sei, Solla, quanto é quando você assumiu, quanto o Estado gastava com saúde – quase 12% - nem sequer gastava o mínimo constitucional. Hoje o Estado da Bahia está gastando 14% com saúde. Isso não é pouca coisa para quem conhece números de saúde!

Então, quando ele fala que realmente há um sub-financiamento, há, e quando ele contrapõe dizendo que aqueles que querem atacar o Sistema Único de Saúde dizem que o problema do Sistema Único é um problema de gestão, ele está certo, mas nós temos problemas de gestão na saúde brasileira, e Solla sabe muito bem disso. Nós, além de aumentarmos os recursos para saúde – e essa é a solução –, temos que alocar mais recursos



para a saúde, temos que melhorar também a qualidade do gasto na saúde, isso é real, e Sola sabe disso e tem falado sobre isso. Nós ainda temos alguns desperdícios na saúde, não são muitos mas temos, com esse discurso a gente não quer dizer que melhorando a qualidade dos gastos públicos nós vamos resolver os problemas da saúde, não é verdade, porque melhorando a qualidade nós vamos melhorar, mas, ainda assim, nós vamos ter problemas de recursos para fazer a saúde que tantos os brasileiros, baianos e soteropolitanos precisam.

Mas, esse é um debate, Sola, que hoje toda a saúde faz, a necessidade de melhorar a qualidade do gasto público, inclusive o Sistema Único de Saúde foi constituído sob essa ótica e essa perspectiva, e o Padre André é símbolo disso. A ideia de que a municipalização plena da saúde é dar ao poder municipal, não só através do Conselho Municipal de Saúde, do Fundo Municipal de Saúde, da Política Municipal de Saúde, a ideia de que a sociedade, de forma organizada, ela tem que fiscalizar, tem que participar da gestão, tem que opinar, tem que participar na elaboração das políticas estratégicas da gestão. E é essa a questão fundamental. (Palmas)

O Padre André foi sacado da presidência do Conselho Municipal de Saúde, que foi completamente extirpado numa reforma feita no governo do prefeito Imbassahy, porque, justamente, ele estava exercendo essa atribuição da fiscalização, de cobrar o Plano Municipal de Saúde, de fiscalizar a execução do Fundo Municipal de Saúde, de cobrar que o município tivesse não só uma estratégia de saúde, mas como também executasse a estratégia compromissada com a sociedade. E essa, para mim, é a questão essencial.

Então, a nossa igreja pode dar essa contribuição fundamental, organizando as nossas comunidades, não só para participar dos conselhos municipais, ter uma ação ativa nessa participação, seja no debate da política municipal de saúde, seja na elaboração dessas políticas, seja na fiscalização dos recursos públicos, seja na mobilização comunitária para que as coisas da saúde possam acontecer.

E disse aqui o secretário Jorge Sola com muita propriedade, com a autoridade que tem, que a questão, hoje, na minha opinião, das questões centrais na saúde brasileira - e Salvador não foge a essa regra - é a falta da prioridade e a falta do investimento na saúde de base. Essa que é a questão fundamental. Salvador, hoje, tem apenas 11% de cobertura do



Programa de Saúde da Família. Uma cidade como essa, com tantas carências, com tantas prioridades na saúde tinha que ter, no mínimo, 50 a 70% de cobertura no Programa de Saúde da Família.

Porque isso é fato, como disse o secretário Jorge Sola, que hoje nós temos uma UPA, em Escada, e nós temos algumas unidades de Pronto Atendimento em nosso município, algumas funcionando com alguma precariedade, talvez há 15, 20 anos, quando nesta Casa fui deputado estadual e membro da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa do Estado, e que visitava o HGE e o Hospital Roberto Santos, deputado Amaury, era a única Unidade de Urgência e Emergência que tinha em Salvador, para atender não só a capital mas Estado inteiro da Bahia. E eu ia ao HGE, porque a própria unidade do Roberto Santos estava meio desativada, e o diretor do HGE me dizia: “Deputado, 70% dos atendimentos que nós temos aqui, no HGE, não deviam estar aqui, deviam estar sendo atendidos nos postos de saúde municipais, nas unidades de urgência e emergência, nos distritos sanitários. O hospital tem urgência e emergência, mas é unidade terciária”.

Então, essa é que é a questão fundamental, a mobilização para que nós tenhamos a saúde de base como prioridade. Foi por isso que o governo do Estado construiu 500 Postos de Saúde da Família, que não é responsabilidade do governo do Estado, mas para dizer aos prefeitos que o caminho é esse, é a saúde de base, o caminho é a prevenção, porque a prevenção é que vai permitir que o sistema funcione como um todo. Então, o sistema tem que funcionar como um todo.

Portanto, para concluir quero, mais uma vez, parabenizar a nossa Igreja Católica, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que traz esse tema de relevância para a vida das pessoas, porque saúde é vida, esse maior bem que Deus nos deu na face da Terra. Jesus, em toda a sua passagem na Terra, fez curas e deu uma atenção toda especial, na sua existência, às curas, porque entendia que esse bem que Deus nos deu é um bem fundamental.

Um abraço a todos e muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2765-II

Ses. Esp. 09/03/12

Or. Padre Jorge Brito

Campanha da Fraternidade 2012 – Fraternidade e Saúde Pública - “Que a saúde se difunda sobre a terra.”

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Obrigado, deputado Nelson Pelegrino.

Convoco para fazer uso da palavra o deputado Jorge Brito. Perdão, o Padre Jorge Brito. Padre Jorge, quero lamentar, mas infelizmente tanto o nosso secretário quanto o nosso deputado federal vão ter que sair, por conta da posse do nosso secretário de planejamento, mas quero informar que, naturalmente, o chefe de gabinete da secretaria de saúde vai continuar atento a tudo, e o secretário receberá não só o debate, mas a consequência dele.

Quero agradecer o secretário Jorge Sola e o deputado Nelson Pelegrino.

Pois não, Padre Jorge.

O Sr. PADRE JORGE BRITO:- Vou só tranquilizar os políticos, que não vou abrir mão do meu sacerdócio, não (palmas). Isso aí é função dos leigos, como você mesmo disse, Yulo. Aos leigos a gente tem que dar força, apoiar.

Saúdo já na saída o secretário Jorge Sola e também o deputado Nelson Pelegrino, saúdo todo o povo de Deus, a Mesa na pessoa de do nosso Yulo, proponente desta sessão, saúdo meu grande espelho e pai, padre André, fonte onde bebi da minha espiritualidade e agradeço, hoje, meu sacerdócio.

Saúdo o Padre Felipe, da Pastoral Carcerária, na sua grande luta também pelos irmãos. (Palmas) Na pessoa de Padre Felipe, saúdo todos aqui presentes. Rabisquei 3 ou 4 coisas para falar rapidamente, porque o tempo aqui passa rápido. Primeiro, quando entrei aqui, Yulo, fiquei foi contente, pois vi o retorno do quadro do pintor Carlos Bastos. Na última sessão em que estive aqui, o quadro não estava ali e eu me perguntei “Cadê o quadro?” E alguém me disse: “Foi para a reforma, porque estava dando cupim”.

Ao retornar a esta Casa, hoje, fiquei feliz de ver o quadro de volta, por 2 motivos. O primeiro, porque este quadro retrata muito a Bahia e de certa forma, é o SUS. Ali tem



todas as cores e todos credos. Todas as pessoas estão ali, mesmo que a gente não queira. É uma realidade. É como a misericórdia de Deus e o SUS, todos estão lá.

A segunda coisa que me causou alegria foi uma inquietação que tenho e que vocês todos deveriam ter com as coisas públicas. Quando não vi o quadro, perguntei para onde foi. E agora que o quadro está de volta, depois de reformado, estou me perguntando: quanto custou a reforma? Eu fiquei com uma vontade de ver se em algum lugar aqui desta parede está dizendo quanto custou a reforma. Os deputados certamente devem saber, porque deve ter sido prestado contas. Mas, esta curiosidade que o Padre Jorge tem com o quadro tem que ser a preocupação de todos os cidadãos nesse Brasil democrático com a saúde, com a educação, com a segurança, com todos os campos da nossa cidade.

Se cada um tivesse o interesse de saber quanto custa cada coisinha que esse país, esta cidade, este estado gasta, eu aposto com vocês que a saúde estaria muito mais além do que está. Se está do jeito que está, é porque nós também deixamos escapar de nossas mãos o controle social e vocês sabem que hoje, a gente ainda, participando dos conselhos, movimentos e fóruns, a gente tem força, porque quem fermenta o bolo é a pitada do fermento, quem dá gosto à comida é o sal.

Outro ponto. Às vezes, diz Padre Zezinho, que tem canções belíssimas. Infelizmente, não estão mais cantando as coisas de padre Zezinho porque o seu profetismo incomoda. Na música de padre Zezinho que fala a prece pelo social tem uma frase muito forte que diz assim: “Às vezes a dor é tanta que nossa oração é uma lágrima.”. A dor desse povo é tanta que chega na minha paróquia e nas paróquias de Salvador e não sabem nem mais orar, porque a oração é uma lágrima. Lágrima de dor, de percorrer Salvador e não encontrar atendimento. É verdade quando o secretário fala da decadência da atenção básica. Aqui estão as vereadoras. Quero pedir a vocês isso: que vocês controlem, por nós e conosco, a atenção básica.

Mas, não é só a atenção básica que tem esse problema. Também a média e alta complexidade têm sérios problemas. Pessoas sem neurocirurgias e outras especialidades. Fico preocupado! Na minha crítica sou até antipatizado - já vou correr que já deram dois sinais -, porque quando falamos de governos passados, não podemos esquecer que o governo



passado mais recente foi o de Lula! E a gente colocou Lula e Dilma no poder! Antes deles, houve outros, mas oito anos já se passaram. E com oito anos um menino já está deste tamanho, “pintando o sete”! Já está mais do que na hora de esquecermos o passado. Se o PFL e outros não o fizeram, azar deles, porque agora a vez é nossa de fazer. Temos que fazer algo, porque o povo está sem atendimento. Falo com a autoridade de quem está, (palmas) como o padre André, nos hospitais todos os dias e vê o nosso povo sofrendo sem atendimento, sem recursos.

Finalizo dizendo o seguinte: é pena que Jorge Solla saiu, mas quero que vocês também passem para ele esse recado... Está ali? Ah! E peço também a Aladilce e Marta que façam isso: muita atenção com as contratações. Essa é a torneira, Yulo, por onde está pingando o dinheiro do SUS: as contratações. (Palmas) Fico preocupado quando ligo para o 160 da Prefeitura de Salvador para marcar consulta, e as consultas são marcadas em inúmeras clínicas particulares. É por aí que mina o dinheiro do SUS, e precisamos ter cuidado com muitos atendimentos particulares. Lembrem-se de que na lei do SUS primeiro é o público, depois o filantrópico, depois o particular. Depois o particular! Não pode acontecer tanta contratação particular, porque é por onde mina o dinheiro público! Vamos lutar cada vez mais para que o público seja público.

E a Dom Gilson, que é o representante aqui do arcebispo, bispo auxiliar dessa Diocese, peço que também, e falo publicamente, comprometo-me publicamente, a nossa Igreja Católica tenha muita atenção com os nossos hospitais católicos, ditos filantrópicos. Estão se esquecendo dos pobres! (Palmas) Há muito hospital dito católico, com título de filantrópico, aonde o pobre não pode chegar nem na porta. Peço aos bispos que ajudem a Pastoral da Saúde a gritar isso e pedir a esses hospitais que honrem a filantropia da qual eles gozam.

Queria falar muito mais, mas vou encerrar – desculpe Yulo – pedindo a esse povo que fique de pé e cante aquele refrão. Encerro as minhas palavras pedindo a esse povo que fique de pé e cante aquele refrão. Eu encerro as coisas com o grito do povo.

(Execução de canto)

(Não foi revisto pelo orador.)



2766-II

Ses. Esp. 09/03/12

Or. Amauri Teixeira

Campanha da Fraternidade 2012 – Fraternidade e Saúde Pública - “Que a saúde se difunda sobre a terra.”

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, padre Jorge, e a esse belo coral cidadão.

Quero convocar para fazer uso da palavra o deputado Amauri Teixeira, saudando o nosso companheiro Carlos, diretor da CAR de Salvador, Luizinho, diretor da Casa e Cia, pelo brilhante trabalho, Fábio Azeviche, homenageando todas as assistentes sociais e os assistentes sociais da Fundação da Criança e do Adolescente, a Paróquia São Bartolomeu de Pirajá, a Associação Cultural dos Amigos de Sussuarana, Instituto Daniel Comboni, Hospital Martagão Gesteira, Hospital Otávio Mangabeira, Projeto Pró-Juventude, Pastoral da Criança, Conselho Distrital de Saúde, Representante do vereador Lau, Sesab e Iperba, Hospital Aristídes Maltez, Sindtae, Paróquia São Cosme e São Damião, Simpósio da Pastoral da Saúde, Paróquia São João Batista, Cenáculo da Caridade de Brotas, Paróquia Sagrada Família, Comunidade São Pedro, Associação Desportiva e Social Alto do Coqueirinho, Fundac, Congregação Mariana, Hospital Ernesto Simões, Divina Luz Comunidade, Comunidade Santa Clara de Sussuarana e o nosso querido padre Felipe, da Pastoral Carcerária.

Com a palavra o deputado Amauri Teixeira.

O Sr. AMAURI TEIXEIRA:- Bom-dia a todos, mas não vou saudar toda a Mesa, todos nós temos outro compromisso, que é a posse de Gabrielli, e vou ser breve, saudando e parabenizando o deputado Yulo pela convocação desta sessão especial. Quero parabenizar também a CNBB, que, mais uma vez, acerta em cheio na escolha do tema.

A CNBB repete o princípio mais importante do SUS na sua campanha, que é o princípio da sua universalidade, querendo dizer que ele deve cobrir e assistir todas as pessoas, e a campanha da fraternidade deste ano quer que a saúde se difunda sobre a Terra, ou seja, que seja acessada por todos saúde de qualidade.



Nós vivemos no Brasil, neste momento, padre André, padre Jorge e Dom Gilson, saudando os representantes da CNBB, momento ímpar, não podemos negar isso, temos um ministro que é um dos mais competentes e comprometidos com a saúde pública, o ministro Padilha, dinâmico, atuante, e temos o secretário da Saúde, Jorge Solla, na Bahia, competente e capaz. Solla não é apenas um grande conhecedor da saúde pública, como Nelson disse. Solla conhece e atua sobre o problema, conhece e age, Solla faz sem roubar, posso dizer isso, e faz muito, mas não dá para reverter o caos e a desestruturação que pegamos em pouco tempo.

Uma criança cresce em oito anos, mas em oito anos não superaremos, talvez nem em 12 nem em 16, a miséria e o caos que o Brasil vivia. Vou pegar o problema dos municípios, da saúde primária, eu não vou pegar a precariedade da saúde primária em Salvador, não vou pegar isso, vou pegar a alta complexidade de que o Estado deve dar conta.

O Estado percebeu, quando entramos, que havia pouca oferta de alta complexidade.

Como Nelson falou, ainda é o HGE o grande hospital de trauma aberto da Bahia; ainda é o HGE que recebe todas as ambulâncias. Temos de parabenizar a equipe desse hospital por ser altamente comprometida. Enfim, é o melhor hospital de traumas da Bahia, público ou particular.

Qualquer um de nós que tome um tiro ou sofra acidente de carro, ou seja, que sofra um trauma, será melhor atendido no HGE do que em qualquer um desses hospitais que têm grande hotelaria, mas não tem uma equipe tão afinada, tão comprometida e com a expertise que tem a do Hospital Geral do Estado.

Temos ainda os Hospitais Roberto Santos e o Ernesto Simões, que também atendem.

A percepção do secretário Solla viu a região de Salvador que estava descoberta em termos de atendimento de alta complexidade: o Subúrbio. Então, construiu-se lá um hospital de Primeiro Mundo, que tem 100% dos seus leitos ocupados. Acho até que erramos – digo erramos porque fiz parte daquele processo, por isso não posso me excluir – quando, ao definimos os parâmetros de avaliação do contrato da PPP, botamos maca em corredor zero,



porque considerávamos um absurdo haver maca nos corredores do HGE e do Roberto Santos.

Está no contrato que formatamos que não pode haver maca no corredor. Agimos assim para melhorar a a qualidade do atendimento, só que isso significa que toda vez que 100% dos leitos estiverem ocupados, nenhum paciente poderá entrar lá. Mas isso não significa dizer que ele não atende. Atende sim e está com 100% dos seus leitos ocupados. Mas é melhor estar em uma maca no corredor, do que ter de ir a outro hospital.

Então, erramos naquilo que achávamos que corrigíamos. Erramos porque a gestora do Hospital do Subúrbio está se servindo de uma cláusula contratual – em tese, de melhor atendimento, de melhor gestão – para não haver maca no corredor. O paciente que chega lá, às vezes tem de ir para o HGE. Mas, repito, fizemos um hospital de Primeiro Mundo no Subúrbio, que atende universalmente. Tem esse critério, esse problema? Tem.

Fizemos também o Hospital da Criança. Não havia na Bahia nenhum hospital significativo de atendimento neonatal e pediátrico, a não ser o Martagão Gesteira, que presta grande serviço à Bahia, mas com toda a insuficiência em termos numéricos.

Pois bem, fizemos esse Hospital da Criança, em Feira, que está consolidando-se, é verdade, mas está fazendo o seu papel. Também fizemos um hospital em Juazeiro, para onde levamos a alta assistência. Fizemos outro em Irecê, no meio-norte; e em Santo Antônio de Jesus, que ficou 18 anos sem se fazer.

E, mesmo assim, chego ao HGE e vejo que ele continua cheio. Isso porque as ambulâncias continuam vindo a Salvador. O Hospital de Santo Antônio de Jesus manda a Salvador apenas 5% dos casos, significa que ele está funcionando; o de Juazeiro manda apenas 6% dos casos, significa que ele está funcionando; o de Irecê manda 10%, significa que ele etá retendo 90% dos casos.

Ou seja, dobramos o número de leitos de UTIs na Bahia. Mesmo assim, qualquer um de nós, inclusive eu, se precisar de um leito de UTI pública ou privada na Bahia, terá dificuldade. Dobramos o número de UTIs construídas em toda a história deste Estado, significa que tínhamos uma insuficiência muito grande.



Precisamos avançar, evidentemente, mas temos de reconhecer que esse avanço vai se dar sobre a administração que está aí atualmente, porque ela está fazendo avançar. É o PT que está fazendo avançar, são as gestões de Padilha, de Lula, de Dilma Rousseff, de Solla e de Wagner que estão fazendo avançar, a verdade é esta.

Precisamos criticar, apontar as falhas, e há falhas, muitas falhas, e identificar o problema central, que é o subfinanciamento.

Apresentei um projeto de lei criando a CSS. Todos os jornais bateram: “Ah, o deputado está dando um tiro no pé, quer criar mais imposto.”

Rico não paga imposto neste País! É demagogia. Rico não paga imposto neste País!

A carga tributária do Brasil é chamada indireta, porque os impostos incidem principalmente sobre o consumo: ICMS, IPI, etc. E os pobres, às vezes, falam a língua do rico: “Ah, não queremos mais imposto!” Imposto para quem? A minha CSS não atinge quem ganha até 10 salários mínimos. A minha CSS permite compensação no imposto de renda da pessoa física. No entanto, muitas vezes setores sociais do povo dizem: “Ah, nós não queremos mais imposto!” Esse imposto só vai atingir o rico.

Está parado no Congresso um projeto de imposto sobre grandes fortunas que destina os recursos integralmente para a saúde. Mas não caminha porque os ricos não querem pagar imposto, quer que o pobre pague imposto para ele tomar o dinheiro do Estado. Precisamos que os ricos paguem impostos para revertê-los em serviços para o pobre.

Por isso, sim, tem que haver mais financiamento para a saúde. Esse financiamento tem que vir de quem tem capacidade de pagar, que são os ricos. E temos que enfrentar esse discurso e essa discussão.

Quando Solla fala que o problema não é gestão, não é que ele reconheça que não existe má gestão, é que desfoca. Esse discurso de dizer que a gestão é o principal problema desfoca. O nosso principal problema se chama subfinanciamento.

Não dá, Pe. André, para ofertar saúde com universalidade e com integralidade com 1,89 por pessoa. Não dá, não! Não existe isso. Pode pegar qualquer comparativo mundial. Sistemas que não são universais e integrais gastam muito mais do que isso.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Precisamos, sim, melhorar a gestão, mas, sobretudo, ter financiamento adequado para garantir uma saúde de boa qualidade para todos e integral.

Muito bom-dia! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2767-II

Ses. Esp. 09/03/12

Or. Dom Gilson Andrade da Silva

Campanha da Fraternidade 2012 – Fraternidade e Saúde Pública - “Que a saúde se difunda sobre a terra.”

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convoco, para fazer uso da palavra, o nosso querido amigo, D. Gilson Andrade da Silva.

O Sr. D. GILSON ANDRADE DA SILVA:- Bom-dia a todos!

Gostaria de começar minha fala saudando a todos os componentes da Mesa. Não vou saudar nominalmente porque a hora está avançada. Mas na pessoa do deputado Yulo Oiticica saúdo a todas as autoridades e parlamentares presentes. Saúdo também aos sacerdotes, aos padres, aos diáconos, a todo o povo de Deus que faz parte desta Assembleia.

Gostaria de parabenizar esta Casa pela feliz iniciativa de promover, nesta manhã, um debate bastante oportuno sobre o tema proposto na Quaresma pela Igreja Católica.

O nosso arcebispo primaz, D. Murilo Krieger, impedido de estar presente devido a compromissos anteriormente assumidos na sede da CNBB, em Brasília, pediu-me que o representasse nesta sessão especial, participando do debate proposto. A minha fala aqui será sobre o sentido dessa Campanha da Fraternidade, que começamos a viver desde o dia 22 de fevereiro, com a Quarta-Feira de Cinzas. E pretendemos estender essa reflexão ao longo de todo o ano. Não somente na Quaresma, que é o ponto de partida, a reflexão sobre este tema presente, tão importante, deve chegar até o fim do ano.

Desculpem-me se preparei algo escrito, prefiro assim.

Estou chegando aqui na Bahia, agradeço, também, ao deputado Yulo por ter nos feito um pouco a memória da luta que, nesta cidade, neste Estado está se fazendo, ou tem se feito com relação à saúde pública.

(Lê) *“No grande quadro da quaresma, tempo dedicado na Igreja católica a um empenho maior na busca da conversão através da oração, da penitência e da caridade, a Campanha da Fraternidade, criada no ano de 1963, aparece inserida com uma proposta de despertar a solidariedade das pessoas em relação a um problema concreto que envolve a*



sociedade brasileira, buscando caminhos apontando soluções. Neste ano de 2012 o tema, como já mencionado, é a Fraternidade e a Saúde Pública e o lema: Que a saúde se difunda sobre a terra.

A conveniência desse encontro está no fato de que o tema da saúde extrapola os muros da própria pertença religiosa porque a saúde interessa a todos os seguimentos da sociedade, como também, por que não lembrar, a todas as pessoas. A Igreja Católica, propondo o tema da Campanha da Fraternidade sobre a Saúde Pública quer, desse modo com a sua atenção particular aos enfermos, fruto de seu seguimento de Jesus Cristo, contribuir com uma reflexão sobre a realidade da saúde no Brasil em vista de uma vida saudável, despertando o espírito fraterno e comunitário das pessoas na atenção aos enfermos e mobilizando por melhorias no sistema público de saúde, como nos recorda o objetivo geral proposto para a campanha deste ano.

No coração de cada pessoa humana está inscrito um anseio de viver plenamente a própria vida. Nosso Senhor Jesus Cristo, a Encarnação do Verbo de Deus, ao assumir a nossa humanidade, manifestou particular atenção aos sofredores da sociedade da sua época, a fim de anunciar uma presença nova de Deus capaz de restaurar o ser humano na sua integridade. O Evangelho é testemunha de inúmeras curas realizadas por ele em favor dos enfermos tanto na alma quanto no corpo. Cristo se interessa pelo homem todo, na unidade de todas as dimensões que integram a sua existência e lhe propõe uma felicidade plena e eterna.

Destaco a contribuição que a Igreja pode oferecer nessa reflexão ampliada que a Campanha sugere: primeiramente a própria visão de saúde, inspirada na revelação cristã...”

Lembro, aqui, a definição de saúde dada pela Conferência Episcopal Latino Americana: (lê) (...) “saúde é um processo harmonioso de bem-estar físico, psíquico, social espiritual, e não apenas ausência de doença, processo que capacita o ser humano a cumprir a missão que Deus lhe propõe. Nesse sentido a Campanha da Fraternidade elenca entre os seus objetivos específicos: disseminar o conceito de bem viver e sensibilizar para a prática de hábitos de vida saudável.”



Outra contribuição interessante que eu gostaria de destacar aqui é o enfoque que a campanha deste ano dá ao tema da saúde, em cima de dois princípios importantes da Doutrina Social da Igreja, o princípio de subsidiariedade e o princípio de participação.

(Lê) *“A subsidiariedade indica a necessidade de relação e cooperação entre instituições de maior abrangência e as menores de uma sociedade. Aqui se requer um caminho de mão dupla: as macro instituições (Estado, por exemplo) devem subsidiar as pequenas (família, associações e grupos organizados para que cumpram a sua missão e, por sua vez, as instituições menores realizando suas funções próprias cooperam para o bem das grandes instituições. Essa é uma contribuição importante. A doutrina social faz parte de uma experiência milenar que a Igreja tem no campo social.*

O princípio de participação se expressa numa série de atividades que os cidadãos realizam individualmente ou associados realizam para o bem comum da sociedade a que pertencem. Assim, 'se é dever do Estado promover a saúde por meio de ações preventivas e oferecer um sistema de tratamento eficaz e digno de toda a população, especialmente dos mais desprovidos de recursos, é, também, responsabilidade de cada família e cidadão assumir um estilo de vida que, por meio de hábitos saudáveis e de exames preventivos, contribua para evitar as doenças'.

Nesse sentido a Campanha da Fraternidade 2012 apresenta entre os seus objetivos específicos:

- Sensibilizar as pessoas para o serviço aos enfermos, o suprimento de suas necessidades e a integração na comunidade;

Alertar para a importância da organização da Pastoral da Saúde nas comunidades: criar onde não existe, fortalecer onde está incipiente e dinamizá-la onde ela já existe;”

Esse é um compromisso que nós, bispos e padres, temos que assumir de uma maneira bem concreta este ano na Campanha da Fraternidade.

Difundir dados sobre a realidade da saúde no Brasil – estamos fazendo isso aqui nesta Sessão Especial – e seus desafios, como sua estreita relação com os aspectos socioculturais da nossa sociedade.



Despertar nas comunidades a discussão sobre a realidade da saúde pública, visando a defesa do SUS e a reivindicação de seu justo funcionamento. Nesta Casa, já fora, tecidos muitos elogios às conquistas, mas sabemos que precisamos de outras.

(Lê) *“Qualificar a comunidade para acompanhar as ações da gestão pública e exigir a aplicação dos recursos públicos com transparência, especialmente na saúde.*

Cuidar da saúde é um imperativo percebido e assumido desde os inícios da consciência da experiência humana. O cuidado traduz a atitude que sensibiliza os homens entre si. Cuidar das estruturas sanitárias requer ter presente a dignidade de cada ser humano que não pode ser abandonado na sua dor quando já não pode valer-se por si mesmo. O socorro prestado ao sofredor redundará em auxílio a toda a humanidade a toda a sociedade que segue seu caminho marcado pelo sofrimento e pela dor.

Não podemos negar que houve avanços significativos na saúde pública no Brasil nas últimas décadas. Isso pode ser comprovado em fatos que já foram mencionados, aqui, como o aumento da expectativa de vida da população, a drástica redução da mortalidade infantil, a erradicação de algumas doenças infecto-parasitárias e a eficácia da vacinação e do tratamento da Aids, elogiada internacionalmente.

Porem, se usássemos o termômetro para medir a temperatura da saúde pública no nosso país veríamos que há muitos elementos que também demonstram que a saúde no Brasil não vai bem: a dura realidade dos filhos e filhas de Deus que enfrentam as longas filas para o atendimento a saúde.”

Quantas vezes eu já tive que passar por isso, na condição de reitor de seminário, levando seminaristas a hospitais. Levávamos horas e horas nessas longas filas. Ao final tínhamos o atendimento, porém a pessoa que estava sofrendo acabava mais sofrida ainda. A demorada espera para a realização de exames, a falta de vagas nos hospitais públicos, a falta de medicamentos, o doloroso corte de recursos destinados à saúde, sem deixar de mencionar a situação em que se encontram as populações que vivem nas regiões mais afastadas.

(Lê) *“(…) Sem dúvida a contribuição que a Igreja oferecerá ao longo desse ano, é promover ampla discussão sobre a realidade da saúde no Brasil e das políticas públicas da*



área, para contribuir na qualificação, no fortalecimento e na consolidação do SUS, em vista da melhoria da qualidade dos serviços, do acesso e da vida da população.

Agradecemos mais uma vez a iniciativa do debate nesse lugar significativo para a vida de um Estado.” Lógico que nós sentimos a ausência, talvez justificada, de muitos parlamentares, a ausência do nosso povo demonstra o interesse tem neste assunto, mas gostaríamos que o mesmo interesse estivesse presente no coração dos nossos parlamentares.
(Palmas)

(Lê) *“(…) Que possamos todos tomar uma consciência nova de que o futuro da saúde depende daquilo que cada um pode fazer no lugar concreto que lhe corresponde na sociedade. Particular empenho esperamos encontrar nos nossos governantes e legisladores para que assumam o compromisso de "defender e promover a dignidade da vida humana em todas as etapas da existência, desde a fecundação até a morte natural e tratar o ser humano como fim e não como meio (dos próprios interesses), respeitando-o em tudo que lhe é próprio: corpo, espírito e liberdade". Na Bahia não podemos deixar de lembrar o grande exemplo que tivemos na Beata Dulce dos Pobres: nela fica patente a verdade que a questão da saúde depende mais do verdadeiro interesse que se tem pelas pessoas do que da abundância de recursos. Quando se ama a pessoa humana, luta-se por ela e nos tornamos capazes de mudar a realidade por mais dura que seja.*

Concluo renovando a essa Assembleia os, mesmos desejos do Papa Bento na Mensagem enviada aos Bispos do Brasil por ocasião da CF 2012: “o conforto e a fortaleza de Deus no cumprimento do dever de estado individual, familiar e social, fonte de saúde e progresso do Brasil, tomando-se fértil na santidade, próspero na economia, justo na participação das riquezas, alegre no serviço público, equânime no poder e fraterno no desenvolvimento”.

Obrigado.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2768-II

Ses. Esp. 09/03/12

Or. Dom André Seutim

Campanha da Fraternidade 2012 – Fraternidade e Saúde Pública - “Que a saúde se difunda sobre a terra.”

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Passo a palavra ao nosso querido padre André Seutim, coordenador da Pastoral da Saúde.

Saúdo nosso querido padre Severino Perini, padre comboniano, de São Daniel Comboni, da Paróquia de Sussuarana. Quero fazer menção ao nosso saudoso padre Franco, que nos deixou tão prematuramente recentemente. Era um entusiasta das pastorais sociais que certamente estaria aqui e não está, mas seus pensamentos e seu entusiasmo está presente no meio de nós. (Palmas)

O Sr. PADRE ANDRÉ SEUTIM:- Prezados irmãos, deputado Yulo Oiticica, demais representantes que já compareceram mas tiveram que se ausentar; Dom Gilson, bispo auxiliar; nosso arcebispo Dom Murilo e demais membros da Mesa, padre Jorge e todo pessoal aqui presente, sacerdotes, diáconos, membros , vamos dizer, das atividades da Pastoral da Saúde; representantes de hospitais como Dona Inês, representando o Hospital Otávio Mangabeira; todas as escolas, meus irmãos, minhas irmãs, estou bastante emocionado. E, neste dia tão proveitoso de reflexão, justamente, sobre a Caminhada de Saúde, a realização desta sessão tão propícia para nos unir ao Brasil inteiro, não somente a CNBB, mas todas as pessoas de boa vontade, profissionais de saúde para analisar um pouco a Caminhada de Saúde em nosso país.

Por outra parte, querem prestar-me uma homenagem, a qual não mereço, mas soube disso na semana passada durante o seminário da Pastoral da Saúde sobre a Campanha da Fraternidade. O que eu sou? Eu sou pequeno diante de tantas, vamos dizer, ilustríssimas pessoas presentes no meio de nós.

Durante esses 40 anos, desde o princípio, fiquei sensibilizado quando cheguei aqui na Bahia sobre a situação de sofrimento do povo da Paróquia Santana perto da Fonte Nova. Então todas essas salas, por dentro da Fonte Nova, estavam repletas de pessoas que eram,



justamente, vítimas das chuvas e dos desabamentos. Eu os acompanhei visitando e fazendo campanhas. Nós sentimos como uma parte da população sente-se um pouco marginalizada e abandonada. A ajuda demora muito para chegar.

Pouco a pouco, visitando os hospitais, eu senti uma carência muito grande de atendimento, de presença reconfortadora. O Hospital Couto Maia tocou-me bastante. No tratamento dos acometidos de doenças contagiosas, muitos têm medo de se infeccionar.

Assim, acompanhamos, naquele hospital, por 20 anos, todo o serviço dos profissionais e dos irmãos que sofrem de contágio. Acompanhamos, também, o Hospital Aristides Maltez.

Desde que o Cardeal Dom Eugênio Sales, em 1970, pediu, na assembleia da arquidiocese, para fundar a Pastoral da Saúde, logo me desempenhei neste trabalho. Reunimos as pessoas da Legião de Maria da Ordem Terceira de São Francisco e também religiosos de vários hospitais que participavam conosco como Hospital Português, Hospital Espanhol, Aristides Maltez, Hospital da Sagrada Família. Todos eles davam assistência religiosa. Assim, começamos a nos reunir.

A nossa preocupação foi, primeiro, ser presente como uma presença samaritana junto daqueles que sofrem. Continuamos até hoje. Mas, ao mesmo tempo, sentimos uma evolução, qual seja, sentimos que temos de nos unir aos profissionais de saúde. Os camilianos nos ajudaram bastante em 1976 quando houve um seminário no Colégio das Mercês “Doente, a razão de ser do hospital”, pelo padre Assis Caveto. Foi muito proveitoso para que houvesse mais humanização nos hospitais.

Lá, muitos cursos foram organizados por nós para preparação de agentes de Pastoral de Saúde. Até hoje fazemos isso. E o Dr. Jorge Solla nos deu o maior apoio mediante as dificuldades de certos hospitais para fazermos visitas.

Nós apresentamos com o padre Jorge todo um relato dos cursos que estão sendo realizados para, vamos dizer, caminhar e dar assistência ao pessoal, caminhar com os profissionais de saúde para, realmente, termos um serviço religioso paralelo ao serviço hospitalar, médico, de enfermagem. E assim continuou.



Em 1978, nossas reuniões se realizavam lá na Pupileira, uns religiosos muito animados que transformavam o lugar abandonado para transferir a escola de enfermagem desse hospital, lá mesmo da Pupileira, onde nós também fizemos nossas reuniões e onde muitos cursos foram dados. Isso foi interessante, porque médicos, enfermeiros, agentes de pastoral de várias dioceses se reuniam conosco, e sentimos a necessidade de uma saúde comunitária.

O povo viu como nos lamentamos quanto às dificuldades do atendimento dos hospitais. Mas o povo também tem seu saber, e aí procuramos, para valorizar o saber do povo, através das plantas medicinais, alimentação alternativa, para que não sejamos dependentes de tudo que se dá nos serviços de saúde, para que sejamos ator justamente da saúde.

E nós mesmo orientamos os outros. Multiplicaram-se os cursos dentro das outras comunidades, para sensibilizar as pessoas a viverem com saúde, e poder estender por muitas regiões da nossa Bahia. Fizemos várias reuniões em Jequié; em Juazeiro da Bahia, a qual foi muito interessante; e em Alagoinhas foi muito bom também.

Nós preparamos a Campanha da Fraternidade com o tema Saúde para Todos. No seminário, convidamos membros do Inamps, secretarias de vários municípios, e vimos como é possível uma parte da população não ter o atendimento que merece. Por que os trabalhadores são os únicos que têm direito ao atendimento de saúde pelo Inamps? Assim, nós sensibilizamos, durante a Constituinte, para o surgimento do SUS.

Foi muito interessante nos reunirmos com os médicos, profissionais de saúde, secretário de Saúde, para vermos como podemos organizar uma medicina que seja aberta a todos. E assim fizemos nossas reuniões com os conselhos municipais locais de saúde, que aprovou se constituir e formar assim o sistema atual que temos do SUS. Na terceira dimensão da Pastoral da Saúde e Institucional, tivemos a necessidade de poder acompanhar e sermos participantes.

Foi muito feliz, dentro dos estatutos do SUS, a participação de 50% de usuários, 25% dos trabalhadores e 25% também dos profissionais do governo. Isso permitiu, como foi



ressaltado hoje várias vezes, que a nossa fiscalização impossibilitasse a exclusão e a rejeição por parte do governo, por isso acompanhamos, fiscalizamos, opinamos e orientamos.

Para terminar eu digo a vocês como somos gratos a Deus por toda essa evolução que foi feita e realizada todos esses anos no nosso Brasil. Vamos pedir para que cada vez mais possamos chegar à melhoria de atendimento de saúde nos postos, nas emergências. A central de regulamentação realmente é uma coisa triste, é lamentável ver isso, tanta gente morrer sem receber atenção, sem entrar nas UTIs ou terem o atendimento do qual precisam. Isso é lamentável.

Segundo, mais valorização do serviço prestado ao povo. Que todos tenham vida em abundância, como eu disse a vocês. Terceiro, parceria entre as comunidades, associações e entre as religiões. É interessante que quando fomos excluídos pelo Conselho Municipal de Saúde nos reunimos com a Dr^a Dalva, que está aqui presente no meio de nós, e que é da Igreja Batista. E nós organizamos - isto já tem 10 anos - reuniões, fóruns de saúde inter-religiosos. Este ano serão realizadas duas reuniões em fóruns de saúde religiosos: uma no mês de maio, a outra em agosto. Reunimos pessoas de várias religiões porque a nossa religião é a saúde. Não devemos olhar o que nos desune, mas o que nos une. E assim, juntos, procurar as soluções.

Em maio vamos discutir este assunto de hoje, os desafios que temos na saúde pública. Já no mês de agosto discutiremos as soluções a serem transmitidas aos órgãos de saúde, às Secretarias. Então, esse fórum de saúde é extremamente precioso. E sei que irá crescer cada vez mais. O padre Jorge também está à frente dessa iniciativa. É uma maravilha!

Quarto: mais informação e capacitação no seio da nossa associação e comunidade. E justamente parceria com os serviços de saúde.

A Campanha da Fraternidade deveria despertar em nossas paróquias o desejo de ter mais parceria com os postos de saúde. Então, se tem uma equipe da Pastoral da Saúde em cada paróquia que vai colaborar com os serviços de saúde, os postos de saúde, será muito melhor para organizar a assistência básica. Que haja mais diálogo. Sabemos que aqui na Bahia a amizade resolve tudo. Portanto, sempre faço amizade com os médicos e funcionários



dos postos de saúde. Isso dinamiza muito os serviços. Penso que teremos em abril reuniões lá da região de Pernambués e do Cabula.

Este encontro entre os profissionais de saúde, agentes da Pastoral da Saúde e moradores é muito bonito de ser visto. Através dele vemos como as pessoas dinamizam os serviços de saúde. Temos de ter muito mais informação em nossas paróquias para não apenas dependermos dos centros de saúde, mas também colaborarmos com eles.

Quero também pedir que o nosso Arcebispo, D. Murilo, consiga mais participação dos vigários, mesmo que eles digam que não são feitos para isso.

Minha gente, no Evangelho, nosso Senhor manda, os apóstolos dois a dois foram anunciar a boa nova e curar os doentes. Então, e a função dum sacerdote de ensinar em uma faculdade? Ele tem de lidar mais com o povo. (Palmas!)

Desculpem o fato de estar insistindo, mas temos de ter mais sensibilidade. D. Yuri quer que os vigários sejam responsáveis pela assistência religiosa dos hospitais do lugar da paróquia.

Gostam de criticar a saúde pública. Temos serviço. Atualmente há visão católica apenas com oração carismática e nada ou quase nada sobre ações sociais. As pessoas são desinformadas. É só “Louvo a Deus”. E só!

Quando tem algo social, é só oferecer um quilo de açúcar e feijão. Então as pessoas têm de se sensibilizar para ficarem unidas nessas comunidades diante de tanta gente que sofre ao nosso redor. E somos cegos!

O padre Jorge me disse ontem que há no Conselho Estadual de Saúde representantes das igrejas protestantes - numerosos pastores- e um representante da Igreja Católica - um! -: ele mesmo, o padre Jorge! Então praticamente a Igreja Católica não tem nenhuma representação, porque a pessoa não se interessa pelos meninos de rua. Estão abandonados.

Desculpem dizer isso. Quero transmitir ao bispo. Sei que ele não vai gostar, mas sempre digo o que devo. Apanho, apanho! E tenho de ser assim.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 09/03/12

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Pe. André. Na verdade, homenageamos Pe. André, mas ele que é um presente no meio de nós, mas uma vez, na sua simplicidade, humildade, ele demonstra que humildade é característica dos grandes. Portanto, que Deus mantenha o grande Pe. André no meio dos pequenos, para possibilitar que os pequenos a cada dia sejam maiores. Muito obrigado, Pe. André, por tudo.

Eu gostaria de agradecer a presença de todos e todas aqui. E como a ideia é colocar sempre, Dom Gilson, a lei em segundo plano e a defesa da vida em primeiro plano, e nós sabemos a importância da oração nos nossos testemunhos de cristãos, eu gostaria que concluíssemos esta sessão com a bênção do senhor.

O Sr. Dom Gilson Silva:- O nosso entusiasmo pelas questões sociais tem fundamento na nossa pertença a Deus, mas somos todos filhos de um mesmo Pai. E com o coração de filhos, vamos concluir esta bela sessão que tivemos aqui invocando o nosso Pai com o Pai-Nosso.

(É rezado o Pai-Nosso)

O Sr. Dom Gilson Silva:- O Senhor esteja convosco!

Fiéis:- Ele está no meio de nós!

Que desça sobre todos vós, neste tempo de graça que é a Quaresma e nesse empenho da luta para que a saúde se difunda sobre a terra, a bênção do Deus Todo-Poderoso: Pai, Filho e Espírito Santo. Amém!

Fiéis:- Amém!

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado a todos. (Palmas)

Está encerrada a sessão.